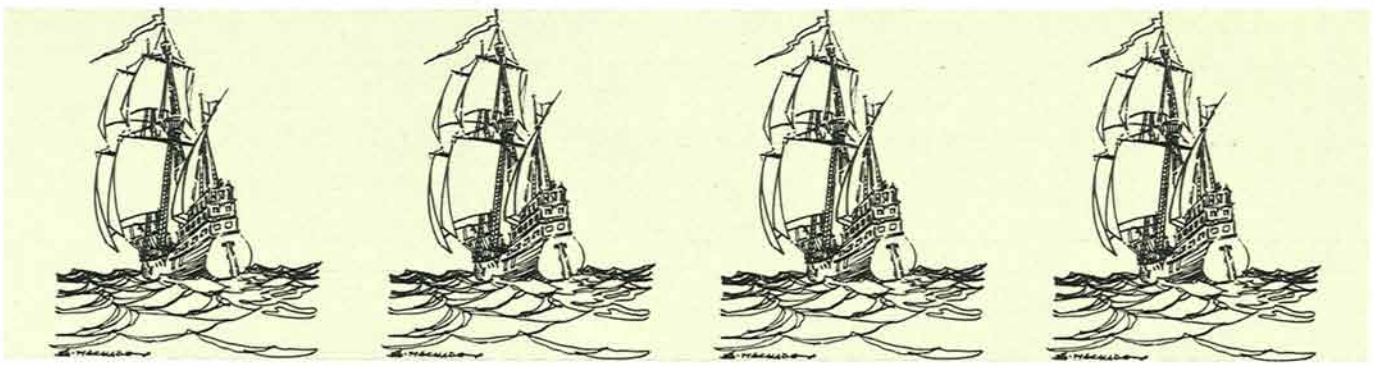
N.º 21 / JUNHO 1973 / ANO II

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
H. Coentro	**Poesia Alegórica do Mar**	5
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	6
D. Barreiros	**Ultramar** «Manga de Ronco» no chão Guineense	7
S. Machado	**A Origem das Palavras** **Algarismo, Álgebra, Zero e Cifrão**	9
O. Lemos	**Ciências Artes e Letras** Picasso – *O Artista mais discutido do século XX*	10
Redacção	**Voz da Abita**	14
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	15
J. Pereira / S. Elpídio	**Saibam Todos**	16
P. Filipe	**A Educação Física** **E os seus Benefícios**	17
Redacção	**Filumenismo**	18
S. Machado	**Ainda o Carneiro Hidráulico**	19
B. Carreira / S. Elpídio	**Curiosidades**	20
P. Caeiro	**Desportos**	21
G. Brandão / V. Pinto	**Filatelia**	22
S. Elpídio	**Reportagem**	24
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 21 / JUNHO DE 1973 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

De Folga – Fragatas atracadas na Base Naval.
(Foto de A. Fernandes, fotografia do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

A PALMEIRA DO ARSENAL

Toda a gente a conhece. Tronco grosso, muito alta, refúgio e abrigo de pombos e pardais, nota de frescura na aridez do enorme pátio do Ministério da Marinha...

Já era crescida quando assentei praça na «mui nobre Escola Naval da margem Norte». Nesse tempo mal se notava, perdida no complexo de edifícios e oficinas do Arsenal.

Hoje, porém, sobressai como um farol na triste realidade do parque de estacionamento de automóveis.

Quantos anos tem? Quem a plantou ali? Sabe-se lá! A verdade é que ela tem resistido a todas as calamidades locais... Desapareceu a maravilhosa doca seca, onde os navios de guerra limpavam o fundo e eram reparados, e onde hoje podia estar a réplica duma nau das Descobertas a servir de museu; desapareceu a carreira de construção donde foram lançados à água, com toda a solenidade, alguns navios da nossa Armada; desapareceu o posto médico onde expiraram, feridos de morte, el-rei D. Carlos e o príncipe Luís Filipe; desapareceu a Sala do Risco, onde foram julgados os revolucionários de 18 de Abril; desapareceu a «Caldeirinha» (1), onde sucessivas gerações de marinheiros embarcavam e desembarcavam dos navios fundeados no «Quadro» (2); desapareceu o edifício da guarda e dos Serviços Marítimos com a sua frondosa parreira... Só a palmeira ficou, sempre de pé, como símbolo do amor dos marinheiros pela natureza e pelas terras tropicais. Ninguém teve coragem para a cortar!

E se ela falasse, muito teria que contar... mais, certamente, que a celebrada Nau Catrineta!

(1) *Pequena doca, em frente à actual messe de oficiais, posto médico e supermercado, com escadas para embarque e desembarque do pessoal dos navios.*
(2) *Quadro dos navios de guerra – espaço no rio, em frente ao Ministério e Terreiro do Paço, onde os navios amarravam a bóias ou fundeavam.*

Com.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE JUNHO

6 de Junho de 1548.

«D. João de Castro faleceu em Goa a 6 de Junho de 1548, segundo a maioria dos escritores que indicaram o dia da sua morte; e é essa data que a tradição conserva».

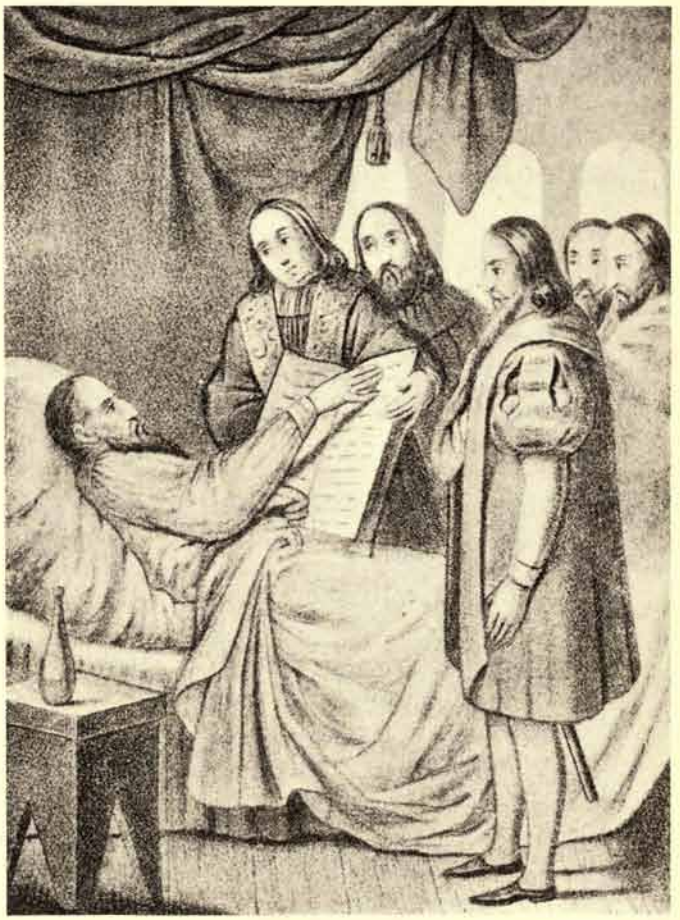
«Com efeito, o epitáfio de D. João de Castro no seu túmulo magnífico, existente na Capela dos Castros», junto do convento de S. Domingos de Benfica, diz, em latim, «que o tumulado morreu no oitavo dia antes dos Idos de Junho do ano de 1548», ou seja a data que a tradição mantém.

Catorze dias antes daquela data, D. João de Castro que desempenhava o cargo de «trezeno Governador» da Índia, tinha recebido notícias do reino da sua elevação a «quarto visorey» daqueles territórios.

Com a sua morte terminou «uma carreira que não foi longa, mas cheia de serviços. Era fundamentalmente um homem de honra e de carácter, e um oficial de mar como muito poucos houve em Portugal».

Entre as variadas facetas da vida de D. João de Castro – «guerreiro em terra e no mar, roteirista consagrado, político, estadista, colonial» –, ele foi principalmente um homem ligado ao mar como se poderá ler no trabalho do capitão-de-mar-e-guerra AN Tancredo de Morais «D. João de Castro, Oficial de Mar», publicado no número comemorativo do 4.º centenário do seu falecimento nos Anais do Clube Militar Naval, em 1948.

M. Horta
Sarj.-aj. L



ÚLTIMOS MOMENTOS DE D. JOÃO DE CASTRO

Com S. Francisco Xavier, Frei António do Casal, o Chanceler-mor, o Ouvidor Geral e o Vedor da Fazenda.
«Não terei, Senhores, pejo de vos dizer que ao Vice-Rei da Índia faltam nesta doença as comodidades que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir não vim a comerciar no Oriente. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se comprasse uma galinha.»

Perguntas... Com Cocha

1 – Arriar a pedido é baixar à medida que alguém pede?
2 – Arriar redondo é fazer descer em círculos?
3 – Quando o mar se arrepia é porque tem frio?
4 – Os arrojos do mar são manifestações da sua audácia?
5 – Arrufar é irritar-se com alguém?
6 – Arrumação é a acção de colocar qualquer coisa em ordem?
7 – Os artigos de guerra são mesmo destinados ao combate?
8 – Árvore de bordo dá fruto?
9 – E arvoredo é frondoso?
10 – Árvore seca está morta?

Respostas... Descochadas

1 – Arriar a pedido é largar um cabo ou amarra à medida que for portando.
2 – Arriar redondo é largar um cabo ou amarra sem parar, sob volta.
3 – Diz-se que o mar se arrepia quando encrespa.
4 – Arrojos do mar são restos de navios naufragados ou da sua carga, plantas marinhas, peixes mortos, detritos, etc., depositados ou arrojados à praia pelo mar.
5 – Arrufar é a acção de dar arrufamento ao mastro do gurupés, isto é, fazer com que ele forme um ângulo de 20 a 35 graus com o plano horizontal.
6 – A arrumação é um conjunto de determinada espécie de nuvens que se reúne no horizonte, tornando-o opaco ou fazendo-o tomar aparência de terra.
7 – A expressão artigos de guerra é uma antiga designação que englobava os actuais Código de Justiça Militar e Regulamento de Justiça Militar.
8 – Árvore, a bordo, significa mastro.
9 – O arvoredo é o conjunto dos mastros e vergas.
10 – Árvore seca é a situação em que o navio se encontra quando não tem nenhuma vela larga; esta situação verifica-se quando há necessidade de fugir ao tempo com o pano ferrado por a força dos elementos não consentir outra espécie de navegação; o navio navega então pela acção do vento no casco e na mastreação; é o que se chama «correr em árvore seca».

S. Elpídio
Cap. frag. AN

POESIA ALEGÓRICA AO MAR

Quero pertencer ao mar,
ao leite verde das ondas,
a uma nau de loucura.
Ser moliço, ser sargaço,
ser um tronco deslizando
na água fria, ser vela,
ou vaga sombria gritando
nos meus seios de Procela.
Terra salgada, sereia,
dorso de Fúria, viagens,
maré de raiva, rochedo,
noite sem lua, gemido,
monstro de abismo, segredo,
caixão de espuma, afundando.
Ser Amanhã, grão de areia,
pedaço de lua-cheia.

Ser ondina que se aquieta
nos braços fortes do Mar,
no suave murmurar
dos meus sonhos de Poeta.

(Foto do subten. RN Luís Gaspar)

(Poema premiado nos jogos florais dos oficiais maquinistas da Marinha Mercante).

Helena Miranda Coentro
Funcionária eventual da DSEC

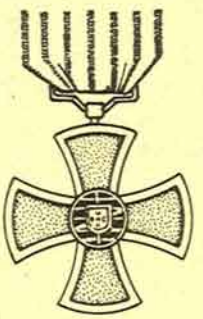
a Pátria honrai

O 1.º grumete fuzileiro especial n.º 9571 JOÃO BRUNO ROSA, do Destacamento n.º 6 de Fuzileiros Especiais, demonstrou ao longo de dois anos de comissão, possuir sempre em grau muito elevado, qualidades de coragem, sangue-frio, agressividade, serena energia debaixo de fogo e desprezo pela vida, a par de virtudes de carácter, honradez e lealdade para com os seus superiores e camaradas que lhe fizeram granjear a admiração e estima de todos quantos com ele conviveram e merecer a medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que lhe foi atribuída.

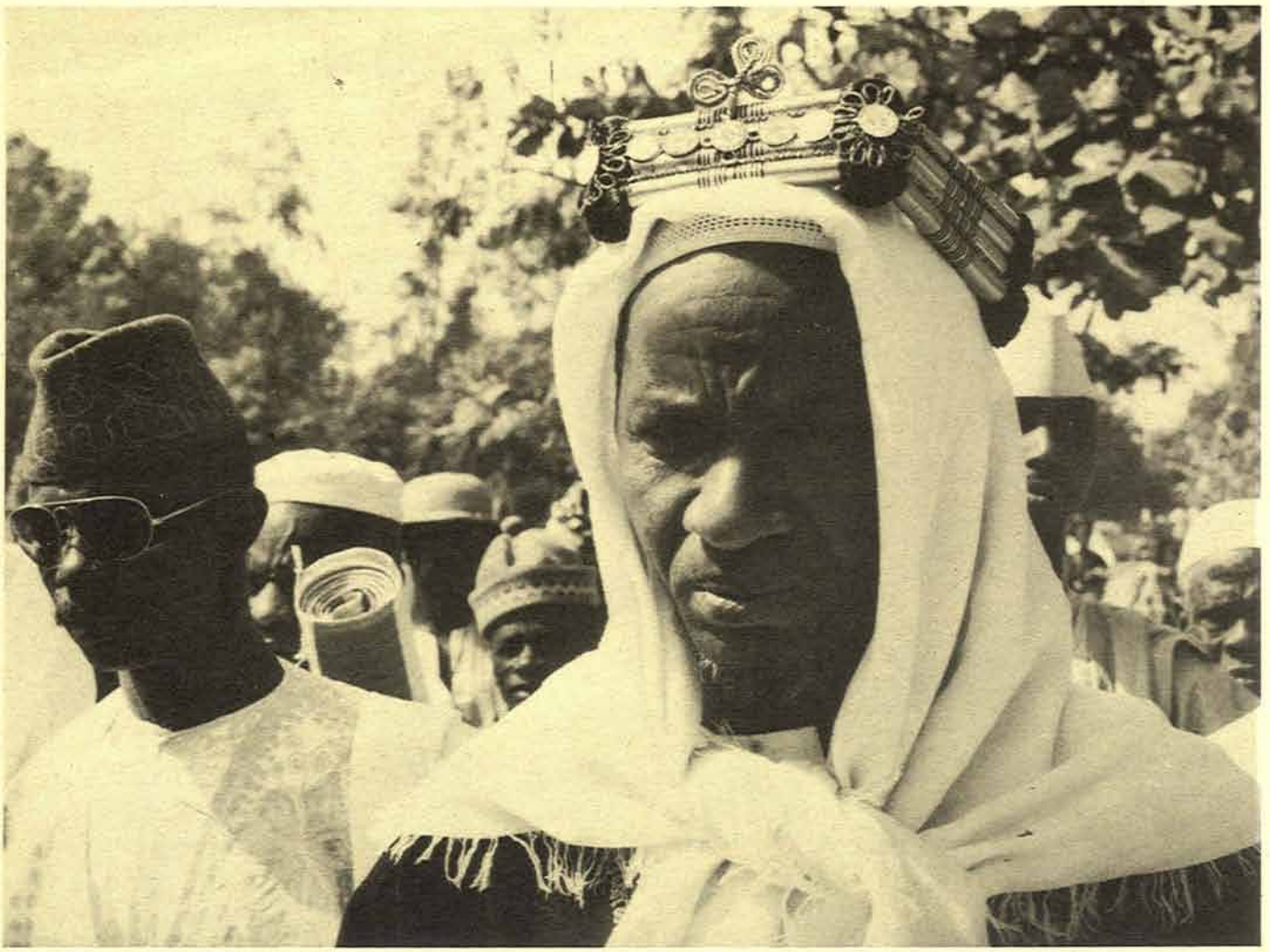
Em todas as operações em que tomou parte foi sempre voluntário para seguir como primeiro homem da coluna ou para ocupar as posições de maior risco, nomeadamente como apontador da metralhadora ligeira na viatura rebenta minas. Em todos os contactos de fogo ou nas situações de perigo iminente a sua presença era certa, galvanizando o pessoal e contribuindo com o seu espírito combativo para que a unidade actuasse com êxito, por vezes em condições adversas.

Refere-se particularmente a sua acção numa operação em que, como apontador da metralhadora ligeira da viatura rebenta minas, agiu de modo notável e digno de recompensa. Reagindo automaticamente ao fogo adverso apesar de atordoado pela deslocação de ar causada pelo rebentamento de uma granada foguete que caiu cerca de dois metros a vante da sua posição e que definiu o início do ataque, permitiu que o restante pessoal manobrasse com êxito, não dando ao inimigo possibilidades de fazer fogo certeiro.

N. R. – O 1.º grumete fuzileiro especial ROSA é natural de Azinheira – Rio Maior, distrito de Santarém.



"MANGA DE RONCO"
NO CHÃO GUINEENSE



Na festa do Ramadão. Trajos de «ronco».

A ausência de assuntos sobre a Guiné Portuguesa, na nossa «Revista da Armada», quer se refiram à sua geografia, à sua história, às suas etnias, ao seu desenvolvimento, ou a qualquer outro aspecto da vida da província, tem-se feito sentir.

Isso me leva a tomar da pena e tentar, embora de maneira ténue e sucinta dar umas pinceladas, aqui e além, nas terras e nos costumes, nas tradições e nas gentes, e apresentar aos nossos leitores o colorido e a riqueza, a profundidade e o brilho, a grandeza e a diversidade dos tons da vida guineense.

Hoje, falarei das festividades que o Calendário Islâmico mais realça e que na Guiné Portuguesa, mormente em Bissau, se celebram com invulgar brilho e esplendor. Eles próprios, os

muçulmanos, bem como os outros portugueses, europeus e africanos, aqui residentes, designam essas festas por «Roncos».

«Ronco» é um termo guineense que, melhor que nenhum outro, designa e significa tudo o que é revelador de grandeza, valor, alegria, festa, poder, exuberância.

Por isso, se pode empregar indistintamente a palavra «Ronco» para diversos acontecimentos e motivos.

A festa do Natal é festa de «Ronco». Pessoa inteligente e poderosa é pessoa de «Ronco». Fato bom e de valor é fato de «Ronco». Anéis, pulseiras, cordões são coisas de «Ronco».

Um desfile militar é um «Ronco». Haja em vista que, aos domingos e feriados, se faz com determinado brilho o render da guarda no Palácio do Governo. Pois tanto militares como civis, tanto europeus como africanos designam a cerimónia com um termo comum e único: «Ronco».

É assim a riqueza do vocábulo. Por isso, serve à maravilha para qualificar as festas muçulmanas.

Desses «Roncos» oferecemos aos leitores da «Revista da Armada» algumas imagens.

Embora com um número já bastante elevado de católicos, a população da Guiné é predominantemente islamizada e animista.

De 479 mil habitantes que tem a Guiné Portuguesa, cerca de 260 mil são islamizados.

Em cinco pilares assenta a religião muçulmana que são: a Fé, a oração, a esmola legal, o jejum do Ramadão e a peregrinação a Meca.

Dos ensinamentos emanados do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos e da Suna, uma espécie de tradição colhida principalmente pelo modo de agir do Profeta Maomé, se regula toda a vida social islâmica, incluindo as grandes festividades do seu calendário litúrgico.

As principais são a festa do Carneiro, a festa do Ramadão, a festa do nascimento do profeta e a festa do Ano Novo.

A primeira, também a maior de todas, tem aquele nome por comemorar o sacrifício de Abraão, na terra de Moriah, que, ao preparar-se para imolar o seu filho Isac, foi detido pelo Anjo do Senhor que lhe disse: Abraão, Abraão, basta! Naquele momento apareceu um carneiro para Abraão sacrificar em vez do filho. Esta festa celebra-se no décimo dia do décimo segundo mês do ano muçulmano.

É preparada com preces a abluções rituais. No próprio dia, ao ar livre e na presença de um carneiro, dirigidos pelo Alami, juntam-se os muçulmanos para rezar e dar largas à sua alegria, regressando depois a casa onde sacrificam um carneiro, sem defeitos e com um ano de idade, comendo dele toda a família, dando aos pobres aquilo que sobejar.

A festa do Ramadão que põe termo ao jejum dos muçulmanos, a festa do nascimento do profeta e a festa do Ano Novo, têm quase as mesmas características rituais mas são de menor importância e, por isso mesmo, sem o brilho e esplendor da festa do Carneiro.

Todas elas se realizam, em Bissau, no Parque Teixeira Pinto e a ela assistem os «homens grandes».

O governador da província, o «Ho-

Durante o render da guarda, música de «ronco».

O «ronco» de hoje é feito por fuzileiros. Lá vão eles, banda à frente, avenida acima, em direcção ao palácio do Governo.

mem Grande», como é natural ouvir da boca dos guineenses, bem assim as demais autoridades da Capital, são sempre convidados de honra para as cerimónias.

Coloridas, movimentadas, atraentes, as festividades muçulmanas constituem «manga de ronco» em todo o chão guineense.

Delmar Barreiros
Capelão graduado em 1.º ten.

N. R. – O facto de hoje se chamar «ronco» ao render da guarda no palácio do governador deriva do seguinte:

Há muito que é costume em Bissau as raparigas novas (bajudas como lá se diz) irem à missa das nove na Sé Catedral, de preferência às outras missas. Como é natural, e por ser Domingo, vão todas vestidas com o que têm de melhor (vão de «ronco»).
Também é costume, depois de sairem da missa, irem todas visitar os doentes internados no Hospital.
Sucede que, desde que a guarda ao palácio passou a ser feita, aos domingos, alternadamente pelos 3 ramos das Forças Armadas, estas sobem a avenida, mais ou menos à hora a que termina a missa e as raparigas passaram a segui-las até ao palácio, e só depois da cerimónia do render da guarda estar terminada, é que iam fazer a visita ao Hospital.
Assim começou a chamar-se «ronco» ao cortejo que se formava avenida acima, constituído pela Banda, força da guarda e raparigas que seguiam atrás (o ronco original), e agora passaram a chamar «ronco» à cerimónia do render da guarda, só por si.
Explicado o significado do principal «ronco» actual, resta apenas dizer que «manga» quer dizer muito, grande quantidade, abundância, em crioulo da Guiné.

(Esclarecimento prestado por colaborador guineense).

A ORIGEM ÁRABE DAS PALAVRAS *ALGARISMO, ÁLGEBRA, ZERO E CIFRÃO*

المغرب العربي

Em escritos que nos foi dado ler recentemente sobre a influência do povo iraniano na ciência ocidental afirmava-se com abundante referência documental ter sido a Pérsia o veículo da numeração indu, de base decimal, para os povos herdeiros da civilização romana.

Ocorreu isto pela primeira metade do século IX, sendo seu principal promotor um notável matemático, astrónomo e geógrafo de nome Alchwarismi, natural da cidade de Chwarism, ao sul do mar Aral, indivíduo que, ao tempo, maior soma de conhecimentos matemáticos reuniu, compondo um livro que é tido, com razão, o primeiro tratado de Álgebra que o homem conheceu. Não havia qualquer relação entre os escritos citados e a língua ou cultura portuguesa, de forma que a dedução, correcta ou errada, que aqui fazemos, é de nossa inteira responsabilidade. Aliás, temos por certo que não descobrimos nada de novo. Foi novidade realmente para nós, e, pensando que o seja também para um camarada ou outro dos que nos lêem, aqui a trazemos.

É que a nossa palavra «algarismo», deriva, com certeza, do senhor Alchwarismi, persa de nascimento e matemático de formação. E muito provavelmente, também, o termo «algoritmo» que designa a forma ou o arranjo de distribuição dos números para a realização das operações.

Sabe-se como são de origem árabe quase todos os vocábulos portugueses começados por «al». Os árabes foram o elo de ligação, a seguir aos persas, que trouxeram inúmeros conhecimentos de matemática, de astronomia, de medicina, de todas as ciências, enfim, que o Ocidente não cultivava nem conhecia, e onde se haveria de basear, afinal, o processo histórico dos Descobrimentos.

Vem também dos persas a utilização matemática do zero. Em árabe, um objecto vazio, sem nada, diz-se «sifre»; daqui nasceu o termo zero, como também cifra e cifrão e ainda o francês chiffre. E «álgebra» deriva igualmente do árabe «al-Jabra», empregado por Alchwarismi no seu título: «Ketab Al-Jabra Wal-Muga Bala» que pode traduzir-se aproximadamente como: «A arte de tratar dados desconhecidos para obter uma quantidade concreta».

A designação que ainda hoje se dá à numeração que utilizamos – a numeração árabe – enraíza afinal na civilização persa, de onde demorou, aliás, a ser aceite, tendo-se passado mais de três séculos até á sua adopção definitiva. A atribuição aos judeus da difusão do sistema numérico decimal resulta apenas de ter havido maior abertura deste povo, que do mundo cristão, à expansão da cultura persa e árabe por todo o anel mediterrânico. Na verdade, só por 1126 o inglês Abelard de Bath traduziu as tábuas astronómicas de Alchwarismi, e as suas tabelas de senos, introduzindo a trigonometria na Europa. Em 1145 foi feita a primeira tradução da Álgebra, por John de Chester, devendo-se ao italiano Fibonacci em 1202, a explicação completa da numeração decimal, adoptando a notação árabe.

Sousa Machado
Cap.-frag.

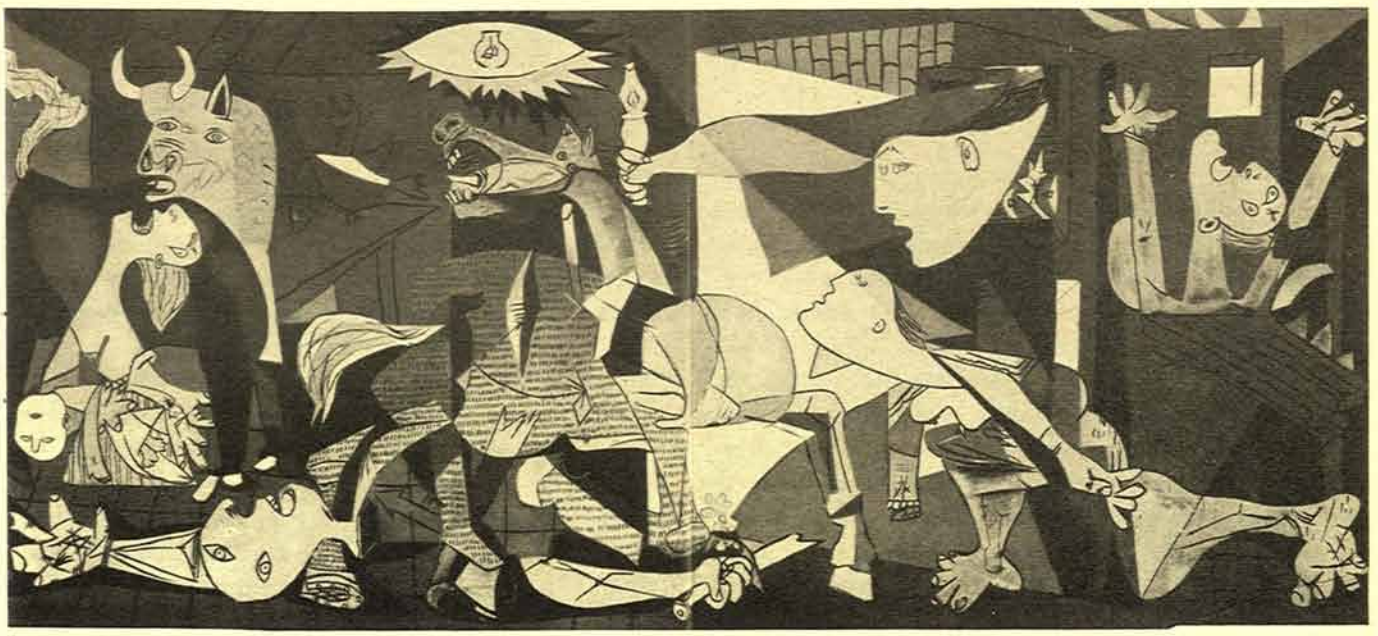
---

ciências artes e letras

PICASSO

O Artista mais discutido do século XX

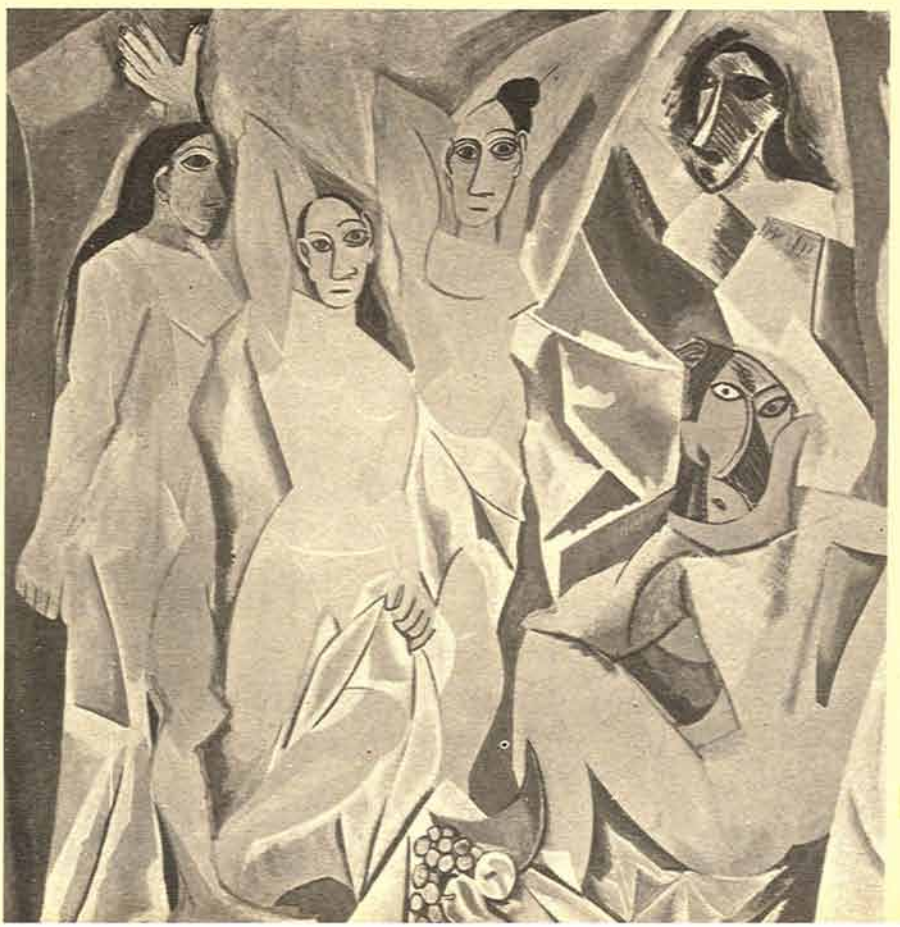
Guernica. 1937



Picasso morreu no dia 8 de Abril passado. Contava 91 anos. Ele foi o artista plástico mais significativo deste século. O seu nome é o mais conhecido de todos os artistas e porventura o menos assimilado. Ele persiste ainda como designação pejorativa ou epíteto que todo o espectador presunçoso e ignorante de obras de arte emprega para designar aquilo que não entende. «Isto é um Picasso!», e com esta «boutade» põe ponto final a uma apreciação sem fundamento. Poderemos pensar que algumas vezes Picasso se terá divertido à custa do público, mas, mesmo neste caso, não lhe seria possível deixar de ser o artista de génio que sempre foi. Ele o disse: «já fui chamado um génio e um charlatão. Ambas as afirmações estão correctas». No entanto, se é certo que Picasso soube como ninguém explorar uma publicidade intencionalmente falaciosa e «snob» em torno do seu nome e das suas obras, nunca isso afectou as suas qualidades intrínsecas de artista. Picasso é de uma expontaneidade espantosa, um homem sem constrangimentos, um artista inteiramente livre e liberto. Nunca se sujeitou a normas e tanto assim é que falham as tentativas de classificar a sua criação por períodos delimitados e característicos que não sejam os episódicos e aliás discutíveis períodos azul e rosa. «Eu sou um pintor sem um estilo. Sempre que tenho qualquer coisa a dizer, exprimo-a, simplesmente, da maneira que acho que deveria ser exprimida. Nunca fiz experiências». É ele ainda que afirma: «As minhas pinturas são as páginas do meu diário... O futuro escolherá as páginas que prefere». Certamente que lhe seria possível pintar quadros ao geito académico, tão bem como os melhores pintores figurativos das escolas românticas ou do realismo. Fê-lo durante a aprendizagem do ofício, enquanto estudante, com uma proficiência espantosa como se provou numa exposição feita há anos em Barcelona e que reunia algumas

Maternidade. 1903

As Raparigas de Avinhão. 1907



Retrato de Maia (A filha do artista). 1938

obras dessa época pré-Parisiense. Porém, o verdadeiro Picasso, aquele que acompanharia a arte do seu tempo e a ultrapassaria não poucas vezes, – o artista cujo segredo era a renovação permanente e o trabalho intensivo, – esse haveria de surgir após os primeiros contactos com o ambiente de Paris. Seguir a evolução de Picasso é acompanhar toda a epopeia da arte moderna. Senhor de uma resistência física à prova de tudo, suportou sem desfalecimento todas as adversidades e nunca a penúria lhe fez afrouxar o ritmo da criação como também a abundância e opulência a não viriam afectar mais tarde. Nunca nenhum artista trabalhou tanto como ele e o número das suas obras deve situar-se à volta de 20 000. Tinha ocasiões em que produzia três obras por dia. Elas pareciam, aos olhos dos contemporâneos, inteiramente despropositadas, sem relação com o mundo e sem qualquer lógica interna como se nascessem de um capricho ou de uma extravagância. Foram consideradas muitas vezes como uma burla, uma invenção especulativa para ludíbrio do público. Foram anos difíceis para Picasso. Por fim, a obra impôs-se e veio mesmo a modelar a arte de todo o século XX. Não o podemos catalogar em nenhum «ismo» salvo talvez, em certos casos, no «cubismo» porque Picasso explora todas as facetas da arte contemporânea «nabismo», «fauvismo», «primitivismo», «cubismo», «dadaismo», «construtivismo», «expressionismo», «surrealismo», «arte abstracta», «naif», etc. A arte de Picasso parecerá inumana aos olhos daqueles que se não dão conta de que vivemos tempos inumanos de desconcertantes, espantosas e incríveis realidades. Os jovens entendem-no melhor que os outros e, sentindo isso, nunca Picasso perdeu o contacto com eles. Sensível aos flagelos que afligem por vezes os homens, a sua arte atingiu, de quando em quando, expressões de dramatismo sem paralelo, como voz de uma ancestralidade espanhola que já se manifestara em Goya. De todos esses dramas o mais célebre é o famoso quadro «Guernica» que lhe foi inspirado pela Guerra Civil de Espanha. Mas, façamos uma pequena ronda pela obra de Picasso.

Em 1900 sai de Barcelona, onde passara a adolescência, e vai até Paris. Ali se fixa definitivamente a partir de 1904. As obras deste período, conhecido por «período azul», são de uma grande suavidade e melancolia, à procura da poesia das coisas. Veja-se por exemplo «Maternidade» de 1903. Paris interessava-se então pelas obras dos impressionistas de que se faziam frequentes retrospectivas. A partir de 1905 vem o período «rosa» em que os saltimbancos são tema dominante. Ainda a mesma desencantada melancolia, a mesma sensação de desamparo e de angústia. Entre 1907 e 1908 processa-se a grande viragem na obra de Picasso. A arte negra por um lado e a modernidade que cada vez mais se afirma com os «futuristas» dão-lhe que pensar. Picasso agita-se nesse fervilhar de ideias e apresenta essa obra brutal que é «As raparigas de Avinhão» de 1907.

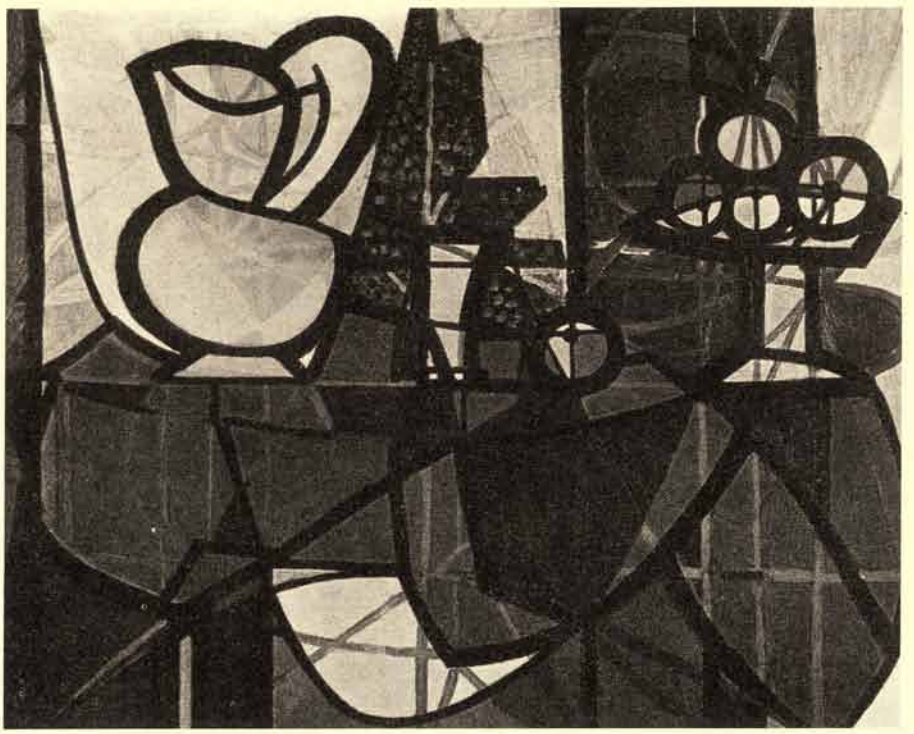
Ao expressionismo das esculturas negras alia a geometria analítica do cubismo. As duas figuras da direita (as últimas a serem tratadas, pois Picasso deixa a tela inacabada) são já de feitura cubista com acentuada geometrização, o que não acontece nas restantes. A intenção inicial de Picasso seria executar um quadro no estilo «fauvismo» com contornos distin-

Minotauro e a presa. 1936

tos das cores aplicadas em camadas lisas usando-as em tons opostos como sejam o laranja e o azul. Já se nota a tendência para apresentar partes anatómicas na forma mais conspícua e sugestiva, independentemente da posição do todo. É o caso de olhos de frente em faces de perfil e narizes de perfil em faces frontais. O cubismo prevalece na sua obra até aos anos 20. Segue-se um período fecundíssimo de experiências em que surgem deformações monstruosas (produto dos seus estudos dos fenómenos de visão muito próxima) em que as figuras aparecem em planos deslocados, com várias faces, e se vêem nos retratos perfis da mesma figura entalhados ou imbricados uns nos outros oferecendo visões simultâneas de outros tantos pontos de vista. É deste período o «Retrato de Maia», filha de Picasso, pintado em 1938, que todavia não oferece ainda deformações tão profundas como aquelas que mais tarde irão desarticular por completo o modelo. Os seus quádros são adquiridos para todo o mundo e disputados. Colabora em coreografia e cenários. Ilustra inúmeras obras literárias. Executa séries de gravuras que ficaram célebres. O seu traço é de uma riqueza de arabesco e de ritmo invulgares. Veja-se «Minotauro e a presa» de 1936. Com a Guerra Civil vem o exílio voluntário e a sua fase expressionista e amarga. Passa a viver definitivamente em França.

Desde os primeiros anos de maturidade que Picasso se afasta do modo figurativo ou descritivo. Substitui-o por transposições sucessivas que articula unicamente de acordo com as necessidades plásticas e de expressão. Este expurgar do motivo atinge quase a abstracção pura, alcançando uma nova materialização, independente dele. Depois da Segunda Guerra inicia uma actividade de ceramista que veio trazer nova

Natureza morta. 1923



vida e novos horizontes a esta arte. Nunca mais a deixaria de cultivar. O Museu do Caramulo possue uma tela e uma cerâmica («Mulher Garrafa») de Picasso. As suas «Naturezas Mortas» revelam uma grande liberdade de composição indo, desde um estilo que enraiza em Cézanne até arranjos expressionistas em que figuram cabeças e crânios de touros ou colagens com utilização de papeis pintados passando por obras meio figurativas meio abstractas com marcação de contornos a preto que são uma característica sua, como no caso de «Natureza Morta» pintado em 1923. Picasso morreu! A sua obra poderá sofrer ainda os embates ulteriores do tempo. O seu nome perdurará no entanto porque não é possível fazer sem ele a história da arte do século XX.

O. Lemos
Cap.-frag.

voz da abita

De Diamantino J. C. Inácio, mar S em serviço na lancha de fiscalização «Azevia», no Algarve, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Faro, 28-4-73.
«Tem esta o fim de lhes enviar um cheque de 24$00 para que a minha assinatura da Revista seja renovada por mais um ano.
«Entretanto peço que a partir de agora passem a enviá-la para a minha residência de Faro, uma vez que dentro de poucos meses termino o cumprimento do serviço militar e quero reviver os bons momentos que nesta vida passei, pelo menos uma vez por mês ao receber a nossa Revista, pois será sempre com bastante alegria que a receberei.
«Também me lembrei de enviar-lhes um problema de palavras cruzadas para publicação num dos números da «Revista da Armada», caso mereça a Vossa aprovação, pois teria bastante alegria vê-la no «Quarto de Folga»; digo alegria pois assim sentir-me-ia feliz por ter dado um bocadinho à «nossa» Revista, cujos exemplares colecciono com bastante estima. Para mim esta não é uma Revista qualquer, mas sim uma muito especial que há-de ser lida pelos meus filhos, se Deus quiser (...).
«Queria ainda falar sobre fotografias para serem publicadas na contra-capa da Revista ou mesmo noutras páginas. Tenho algumas interessantes, coloridas, assim como «slides». Gostaria que me informassem sobre este assunto (...).
«Sem outro assunto, fico grato pelo favor. Subscrevo-me com elevada consideração e estima.»

N. R. – O problema de palavras cruzadas recebido será apreciado pela Comissão de Redacção e publicado se for caso disso. Quanto às fotografias, agradecíamos que nos enviasse, a título devolutivo, os negativos e os «slides» que julga com qualidade técnica de poderem ser reproduzidos, a fim de serem apreciados pela nossa Comissão de Redacção.

De António de Sousa Pereira Coutinho, do Alfeite, recebemos uma carta fazendo referência ao apelo que a Liga para a Protecção da Natureza fez no nosso número de Abril, sob o título «Não destruamos inutilmente a Natureza».

Diz este nosso leitor que assistiu, em 13-4-73, para os lados do Seixal, a uma pesca de tapa-esteiro «e fiquei deveras chocado com o que vi: grande quantidade de crias mortas, deixadas para trás pelos pescadores (...)». Refere mais «concordo plenamente com o vosso apelo, só não compreendo como é permitida a pesca da tapa-esteiro no Tejo, pois é uma pesca proibida em todo o nosso País.»

N. R. – Foi enviada uma fotocópia da carta do nosso leitor para a Comissão Consultiva das Pescas. Podemos também informar que a proibição da pesca da tapa-esteiro no rio Tejo já está legislada e entrará em vigor dentro de dois anos, depois de os pescadores que se dedicam aquela arte conseguirem novos meios de vida.

De António Manuel de Jesus Marques, 1.º gr. FZV, em serviço nas Terras do Fim do Mundo (Angola), recebemos uma carta com um pedido de esclarecimento, que transcrevemos:

«Vila Nova da Armada, 4-4-73.
«Não sei se as minhas respostas ao concurso n.º 18 estão certas. Simplesmente acontece que não consigo dar com uma das perguntas feitas. Não sei se haverá algum erro. Agradecia que me informassem, pois gosto de concorrer a este género de concurso.
«A palavra que não encontrei: «Bote».
«Subscrevo-me com a máxima consideração.»

N. R. – Por mais que procurasse o «bote» nunca o encontraria. Uma arreliadora «gralha» tipográfica fez sair «pote». Como certamente já leu no nosso n.º 20, as respostas com 15 palavras foram dadas como certas.

À GLORIOSA ARMADA

Moro tão perto do mar,
e isso me faz lembrar,
nossa gloriosa Armada,
que por esses mares de antanho,
bem aumentou o tamanho,
desta terra tão amada!

Foram bravos nossos antigos
de coragem revestidos,
por essas terras de além;
mas hoje nossos rapazes,
são no fundo bem capazes,
do mesmo fazer também!

Recordando-os neste dia,
lembro-me da valentia
com que lutaram por nós;
homens d'hoje da nossa Armada,
da portuguesa terra, encantada,
o baluarte sois vós!

Aos que estão com Deus, na Verdade,
foram-se, com mais ou menos idade,
alguns, em sua juventude,
seus corpos tombaram desfeitos,
mas levaram na alma os feitos,
da sua nobre atitude!

Vós, amai a Pátria com o amor comum,
que a todos nos faz ser um,
certíssimos de que a Nação,
sempre estará convosco,
como vós estais connosco,
juntos num só coração!

Júlia Rosa

N. R. – A autora destes versos é esposa de um ex-marinheiro e actualmente funcionário do quadro do pessoal civil do M.M.

notícias pessoais

CASAMENTOS

1.º ten. MN Luís António Diniz Correia casou, em 9-3-73, com D. Maria Suzete Oliveira Santos.

Asp. AN RN José Manuel Nunes Leal de Carvalho casou, em 18-3-73, com D. Maria Tereza Silva Caldeira.

Asp. Américo Artur Jacinto Bastos casou, em 9-4-73, com D. Ana Maria Duque Mendes Tolentino.

1.º sarg. ARE Hilário José Pinto Tibério casou, em 18-2-73, com D. Helena Nazaré Pedro.

1.º sarg. ARE Francisco Bolrão Ramos casou, em 17-2-73, com D. Agostinha Maria Guinapo Pepo.

2.º sarg. ARE Daniel Martins dos Santos casou, em 18-3-73, com D. Leonete Maria da Conceição Guerreiro.

2.º sarg. ARE Joaquim Alfredo Augusto Meira casou, em 31-3-73, com D. Guilhermina Fernando Simões Pinto.

2334/c. R – José Francisco Bileu casou, em 3-2-73, com D. Fernanda dos Santos Jerónimo.

773/68/Mar. FZE – Óscar Maria Cavalinhos casou, em 4-3-73, com D. Cidália Maria Neves Leal.

2948/70/Mar. L – José Pereira Carrola Mariano casou, em 4-3-73, com D. Filomena da Conceição Serra dos Reis.

2686/69/1.º gr. FZ – Vítor Manuel da Conceição Almeida casou, em 4--3-73, com D. Elisabete de Almeida Pereira.

1131/72/2.º gr. A – António da Silva Maurício casou, em 17-2-73, com D. Rosa Florindo Fernandes.

PASSAGENS À RESERVA

1.º ten. SG José da Silva passou à Reserva Aa em 2-4-73.

1.º sarg. CM Vasco Nunes passou à Reserva Aa em 28-3-73.

1.º sarg. C Duarte Teodoro passou à Reserva Aa em 28-3-73.

1.º sarg. CM Joaquim Baltazar passou à Reserva Aa em 28-3-73.

646/1.º DTFD – José Coelho passou à Reserva Aa em 30-3-73.

743/C. CM – José de Freitas passou à Reserva Aa em 15-3-73.

1147/C. C – Carlos Pinto Soares de Miranda passou à Reserva Aa em 2-4-73.

APOSENTAÇÕES

Foi aposentado em 31-3-73:

José Mateus da Silveira, 2.º faroleiro do Q.P.C.M.M.

Foram aposentados em 30-4-73:

Carlos dos Santos, desenhador de 1.ª classe do Q.P.C.M.M.

Jorge de Jesus Charais, contramestre de 2.ª do Q.P.C.M.M.

Olvídio Augusto, cantoneiro de 1.ª classe do Q.P.C.M.M.

Narciso António da Silva Garganta, contínuo de 2.ª classe do Q.P.C.M.M.

Armando Abel Serra, guarda de 2.ª

classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. RF Alfredo Ferreira da Silva faleceu em 10-4-73.

Cap.-m.-g. RA Albano Rodrigues de Oliveira faleceu em 20-4-73.

Cap.-frag. AN RA António Ferreira da Silva faleceu em 16-4-73.

1.º ten. SG RF Pedro da Costa Canhão faleceu em 24-4-73.

1.º sarg. L Felisberto dos Santos Martins faleceu em 16-4-73.

1.º sarg. FZ Manuel António Santeiro Nisa faleceu em 8-4-73.

1385/65/Mar. FZE – Arlindo Marques Joaquim faleceu em 8-4-73.

680/70/1.º gr. FZ – Nuno Manuel Teixeira da Cruz faleceu em 3-4-73.

2913/71/2.º gr. CM – Manuel António de Sousa Matias faleceu em 12-4-73.

saibam todos

Que têm entrada livre no Aquário Vasco da Gama:

1 – Os oficiais e sargentos dos quadros permanentes dos três ramos das Forças Armadas;

2 – As praças da Armada dos quadros permanentes;

3 – Os oficiais e sargentos dos quadros de complemento da Armada prestando serviço efectivo;

4 – Os funcionários civis do Ministério da Marinha;

5 – Os membros civis das comissões e juntas integradas na estrutura orgânica do Ministério da Marinha;

6 – Os membros do Centro de Estudos de Marinha;

7 – As pessoas de família acompanhadas dos militares e civis referidos nas alíneas anteriores;

8 – As restantes praças da Armada, quando fardadas;

9 – Os sócios da Liga dos Combatentes;

10 – As crianças com menos de 10 anos quando acompanhadas e os estudantes com mais de 10 anos mediante a apresentação do bilhete de identidade.

O horário das exposições é:

– Dias da semana, das 12 às 18 horas;

– Domingos, das 10 às 18 horas.

Que o restaurante do Supermercado do Alfeite começou a fornecer refeições para fora ao preço de 10$00 por cada prato e 1$50 por cada sopa, possuindo também vasilhame que é cedido ao preço do custo.

Que os artigos de alimentação existentes nos Supermercados da Marinha são vendidos ao preço de custo com pequeno acréscimo de 4 a 6% destinado a fazer face às despesas com o pessoal.

Que no Supermercado do Alfeite há uma secção de artigos em 2.ª mão onde os funcionários militares e civis do Ministério da Marinha podem adquirir os mais variados objectos ou vender artigos que lhes sejam desnecessários.

Que sempre que a bandeira nacional tiver que ser içada de noite deverá ser iluminada com dois faróis de luz branca ou com um projector.

Que um navio da Armada entrado num porto estrangeiro durante a noite, deverá ao nascer do Sol içar a bandeira nacional durante 15 minutos para assim dar a conhecer às autoridades portuárias e outros navios presentes a sua nacionalidade.

Que os navios mercantes afretados pelo Estado como transportes de guerra, com capitão-de-bandeira a bordo, içarão a flâmula no tope grande, não devendo, nestas circunstâncias, usar qualquer distintivo das companhias a que pertençam.

Que as embarcações miúdas da Armada em portos nacionais içam a bandeira nacional à popa, desde as oito horas ao pôr do Sol, sempre que:

– seja dia de embandeiramento em arco ou nos topes;

– conduzam autoridades a que correspondam distintivos oficiais;

– conduzam comandantes de navios de guerra;

– conduzam forças armadas;

– efectuem visitas oficiais a navios nacionais;

– forem a bordo de navios estrangeiros.

Que em portos estrangeiros as embarcações miúdas de navios da Armada içam a bandeira nacional à popa desde que largam do navio até que a ele recolhem, excepto de noite.

A EDUCAÇÃO FÍSICA
e os seus benefícios

Já por várias vezes no caminho que vai dar ao parque de jogos do Alfeite, alguns camaradas, ao verem-me de fato de ginástica, têm largado por graça, a seguinte frase:

– Eh pá, não há meio de teres juízo, não vês que já estás velho!?

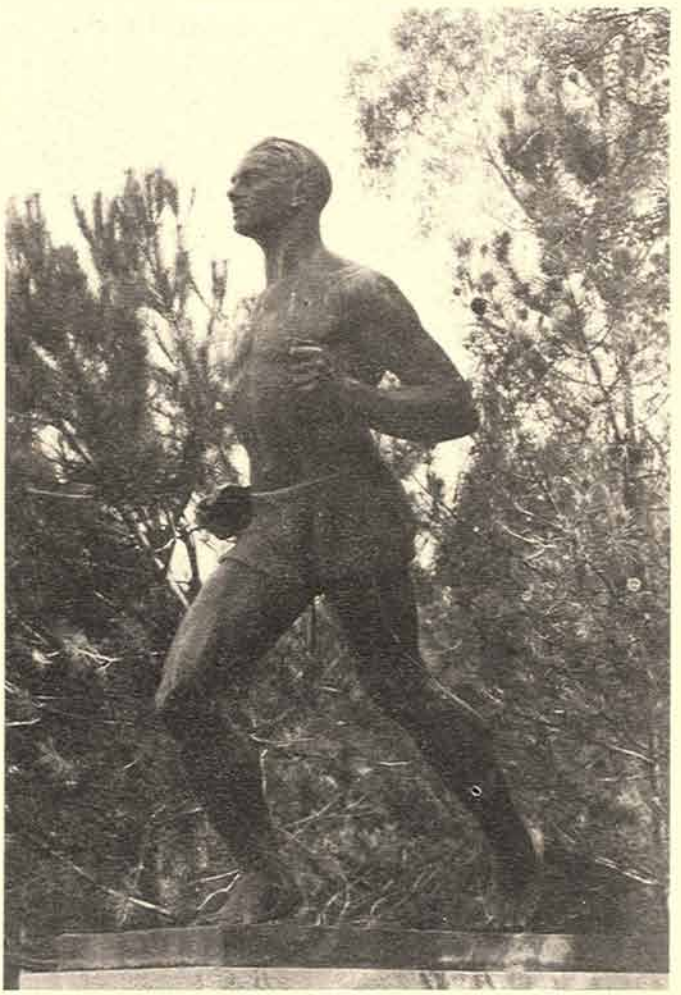
Frases como esta, encerram um total desconhecimento sobre o corpo humano e as suas necessidades. Só quem não quiser informar-se – e são tantos os meios ao alcance de cada um – é que não sabe que a saúde, a nutrição, a resistência e o bem estar, principiam todos com a boa circulação, e que isto se consegue se fizermos, amiudadas vezes, exercícios físicos.

O sangue em circulação tem de levar o oxigénio e elementos nutritivos a todas as células do organismo. Quando alguma coisa perturba esse fluxo de sangue, o bem estar diminui. A vida sedentária vai justamente perturbar esse fluxo, e é por isso que muitos homens aos 25 anos já são de meia idade. Para melhor compreensão, a energia falha à medida que falha a circulação. Todos nós possuimos milhões de vasos sanguíneos que se chamam capilares, que penetram em todos os pontos do sistema nervoso e muscular. Imaginemos agora o coração, como raíz central de uma grande árvore. Dessa raíz, sai como um tronco o grande vaso sanguíneo chamado aorta que se ramifica em «galhos» cada vez mais pequenos até chegar a pequenos filamentos que são os vasos capilares.

Quando se executam exercícios vigorosos com o corpo, estes vasos dilatam-se e por conseguinte deixam entrar mais sangue, com a sua carga de nutrição e combustível.

Se a pessoa passa a maior parte do tempo sentada, eles têm muito menos razão para se abrirem, e daí o motivo porque algumas pessoas, principalmente as mais velhas, acusam uma elevada pressão arterial.

Quem não disponha de tempo para fazer treino físico no ginásio, o simples movimento natural de andar a pé, quando nos encaminhamos para o trabalho, passando por terrenos de vários tipos, transpondo obstáculos naturais, subindo e descendo escadas, num movimento contínuo, vigoroso e rítmico, não esquecendo o começo em ritmo lento, aumentando depois gradualmente, é o suficiente para nos dar um certo grau de resistência à fadiga.



Os homens da cidade, principalmente os que passam o dia inteiro sentados a uma secretária, e que depois de sairem da repartição se dirigem para casa, de automóvel, estão à noite tão cansados como estivadores, os músculos fortemente afectados pelo efeito da tensão nervosa. Algumas pessoas há que cometem o grave erro de sair à pressa para o campo, no fim de semana a fim de praticarem des-

porto, quando durante o resto da semana nem uma simples flexão fizeram.

Primeiro, não se deve praticar um desporto sem que o físico esteja devidamente preparado. Segundo, o ânimo tem que estar repousado para que os nervos não entrem em choque com os músculos.

Hoje, mais do que nunca, o homem tem necessidade de cuidar do seu corpo. O facto de vivermos presentemente esmagados numa sociedade de consumo, altamente poluída, onde tudo gira velozmente, faz com que se torne necessário prepararmo-nos para a existência diária.

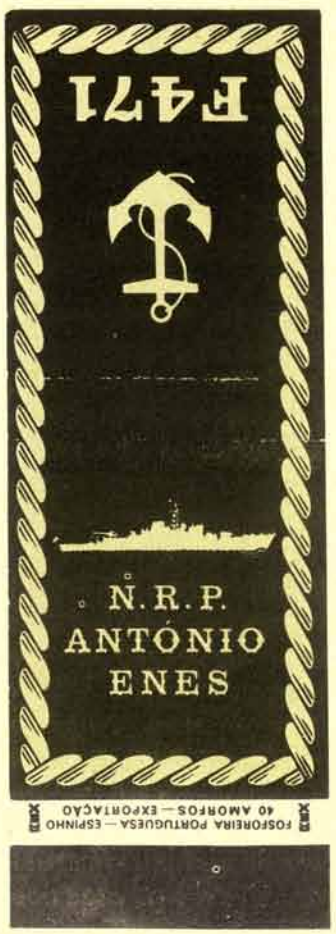
Não será exagero afirmar, que o treino físico, sem distinção de idades, devia fazer parte da nossa vida normal quotidiana, exactamente como comer e dormir. Já há muito que os homens de ciência demonstraram que o relaxamento dos nervos e dos músculos é essencial para o bom funcionamento do organismo humano, e que isto só se consegue por meio de exercício físico bem administrado.

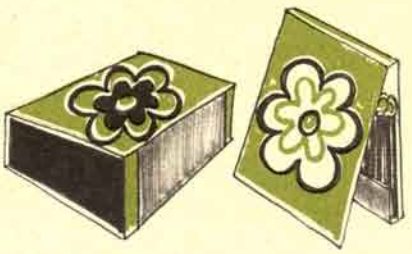
No caso particular da Armada, é ideia enraizada de que o tempo que se «perde» com o treino físico, prejudica o bom andamento dos serviços. Nada mais errado. É preciso não esquecer que o homem se sente mais feliz quanto mais bem disposto estiver fisicamente. Quando isto não acontece ele nunca pode dar bom rendimento no trabalho.

Um bom programa de educação física, paralelamente com uma alimentação equilibrada, é o ponto de partida para o pessoal conseguir o vigor físico e mental de que necessita, para executar com eficiência os serviços que lhes são destinados, para assim melhor servir a Armada e o País.

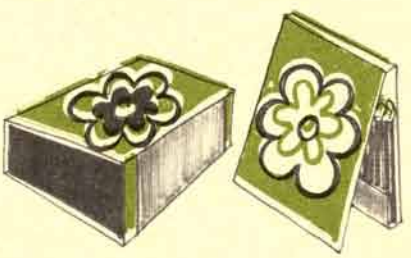
Pompílio Filipe
1. Sarg. A

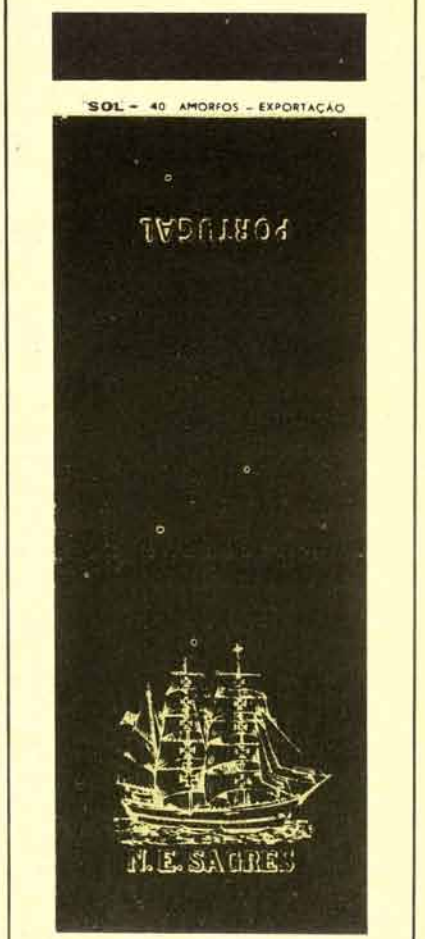
Filumenismo



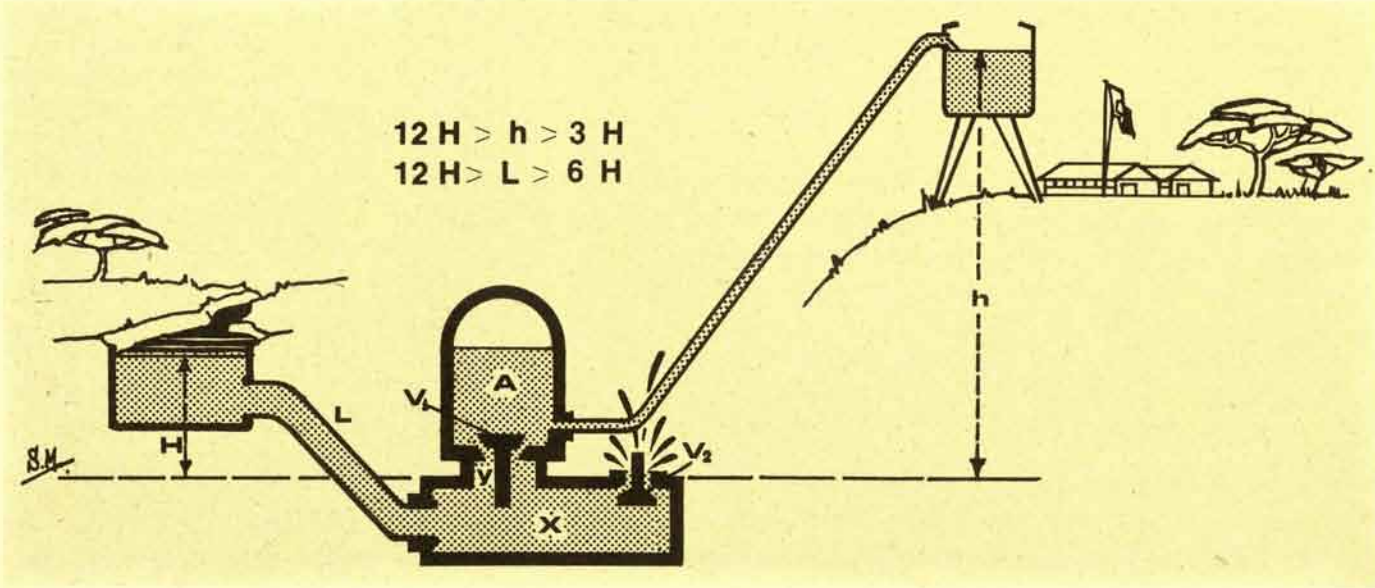


Na sequência do artigo saído no número anterior e por se tratar de um caso especial relacionado com dois navios da nossa Armada, reproduzimos hoje, por julgarmos de bastante interesse para os filumenistas em geral, as carteiras de fósforos que as cantinas da corveta «António Enes» e do navio-escola «Sagres» mandaram executar.





Ainda o Carneiro Hidráulico



Nesta função – simpática, diga-se desde logo – de dar reviravoltas ao bestunto para fugir o possível do trivial e trazer à Revista assuntos que pareçam de interesse num contexto de divulgação eclética de erudição que não enfade, lembrámo-nos, aqui há números atrás, de falar dessa máquina curiosa que é o carneiro hidráulico. Lembrámo-nos, estamos em crer, porque nos foi muito frequente o recurso a generosidade das suas qualidades e limitadas exigências em distantes, isoladas e ainda pouco progressivas paragens angolanas. Fixámo-la como auxiliar precioso da promoção social entre populações de parcos recursos, e mais duma vez nos admirou, realmente, que em muitas das nossas aldeias as mulheres continuassem a ir à fonte de cântaro e rodilha. Para o Santo António as ver, se calhar...

O que serve para explicar, possivelmente, as reacções de natureza diversa que chegaram até nós por via da Revista, ou frente a frente: uns interrogaram-me; outros escreveram para a Redacção. Houve quem duvidasse da fartura e elevasse jocosamente a maquineta à qualidade honorífica do ainda não inventado moto-contínuo. Houve quem indagasse da hipótese de instalar o carneiro no fundo dum poço aberto para criar desnível, e recebemos também uma sugestão curiosa para melhoria do rendimento mecânico do seu funcionamento. Isto tudo revela, pelo menos, que o carneiro hidráulico, como bomba, não é, realmente, tão conhecido quanto nós supúnhamos, mas revela também que houve interesse pela singularidade das suas características, interesse que estávamos longe de imaginar relacionado com tema tão fora do quotidiano e do naval... E como era para nós mais complicado, e para o esclarecimento geral, menos efectivo enveredarmos pela correspondência particular, optámos voltar com o carneiro a estas páginas, para mais dois ou três dedos de conversa a seu respeito.

Primeiro que tudo afastemos a ideia do motor contínuo. Este seria aquela máquina ideal que, posta de uma vez a funcionar, não teria mais necessidade de energia para o seu continuado movimento. Alimentava-se a si própria, vivia de si mesma. Que saibamos, só um gato atrás dum rato dentro dum cilindro se lhe aproxima um pouco. O carneiro hidráulico, não. Pode até verificar-se que é bomba de péssimo rendimento, face à energia mobilizada para garantir o seu funcionamento. Repare-se tão só no desperdício da água que sai pela válvula de escapamento, para se conseguir a elevação duma pequena percentagem. O carneiro hidráulico é máquina a requerer permanentemente energia, acontecendo apenas que essa energia se encontra habitualmente disponível no local aonde queremos instalar a bomba, e... é barata – é a própria água armazenada em nível elevado. O carneiro hidráulico é tão motor contínuo como o é a vela propulsora dum navio. Aquele aproveita a água, esta, o vento.

Um engenheiro de máquinas sugeria a modificação do sistema de fechamento da válvula de escape por outro mais engenhoso e bastante simples: adaptava um flutuador na haste da válvula, e rodeava este conjunto de um tubo roscado na câmara da bomba, aberto para o exterior; assim, em lugar da água se perder na ocasião do escape, ficaria contida naquele

tubo. E o mesmo engenheiro faz o seguinte raciocínio: quando a pressão baixasse no interior da câmara, a válvula e a haste abriam; quando a água começasse a fluir, iria fechar a válvula de escape pela elevação de nível do flutuador. Ora, o que faz a primeira válvula da bomba abrir-se, para passar uma pequena porção de água, é o chamado golpe de ariete, isto é, a energia subitamente concentrada nesta válvula por se ter cortado bruscamente o fluxo de água na câmara. Aquela energia há-de resultar dum certo volume de água correndo com determinada velocidade; a energia cinética da água será exactamente o produto da sua massa pelo quadrado da velocidade. Portanto, se o fechamento da válvula de escape fôr condicionado, não por esta energia, mas por uma questão de nível, é muito provável que a outra válvula também não abra, e, portanto, a bomba não funcione.

Mas é experimentar, senhor engenheiro, é experimentar!

Alguém nos perguntou ainda se, à falta de água com desnível natural, não era possível colocar o carneiro no fundo de um poço, aberto exactamente para criar esse desnível, e aproveitar então a água corrente no solo. Depende. Se o poço não tiver nenhuma saída, a água de escape (e é bastante!) ir-se-á acumulando até cobrir a bomba. Então, a pressão exterior da água começará a impedir o livre fluxo através da válvula, e o rendimento diminuirá, provavelmente até um equilíbrio que transforme a bomba em simples conduta entre vasos comunicantes. E o seu efeito anula-se. Se o poço tiver saída ao nível do fundo, pois aí não temos dúvidas que o resultado positivo será completo: a bomba funcionará.

Dado o interesse que o «carneiro» suscitou, acrescentamos hoje alguns pormenores às suas características de funcionamento. A altura a que se pode bombar a água, h, será sempre maior que três vezes o nível da água de alimentação, e menor que 12 vezes esse nível, como se indica na gravura. O comprimento do tubo de admissão, L, deverá também ser maior que 6H e menor que 12H. Se for Q a quantidade de água disponível, por minuto, através duma conduta de desnível H, a quantidade de água obtida por minuto num outro nível h será calculada pela fórmula:

$$q = \frac{Q \times H \times r}{h}$$

onde r é o chamado rendimento do carneiro. Este rendimento depende da relação entre os níveis de elevação e de queda, mas pode tomar-se como valor aproximado 0,6. Então, se o nível de queda for 3 metros, o caudal 2000 litros por minuto, e a elevação 20 metros, a quantidade de água bombada será:

$$q = \frac{2000 \times 3 \times 0{,}6}{20} = 180 \text{ litros por minuto}$$

Pode, inversamente, partir-se das necessidades – para que existem já tabelas de valores médios – e obter-se os dados de instalação do carneiro, bem como a sua criteriosa escolha.

S. Machado
Cap.-m.-g.

* CURIOSIDADES

A empresa Bewa Cruises, recentemente criada, encomendou ao estaleiro Unterweser AG, um moderno navio para cruzeiros cuja entrega se prevê para o primeiro semestre de 1974. Entre as novidades do luxuoso navio conta-se um helicóptero, um laboratório marítimo e uma ponte simulada.

O helicóptero será de 4 lugares e cientistas marítimos prestarão esclarecimentos sobre a oceanologia marítima. A ponte simulada será para os passageiros poderem observar as manobras de navegação ao mesmo tempo que num ecran se projecta a rota seguida.

Semelhante a este navio apenas existe o «Lindblad Explorer» que durante os últimos 3 anos navegou com lotação esgotada.

A A.G.P.L. pensa construir um grande terminal de contentores na margem esquerda do Tejo, susceptível de movimentar mais de 200 mil unidades por ano e de receber os maiores navios neste momento previstos para o seu transporte.

(Do Boletim Analítico da J.N.M.M.)

FUTEBOL

APÓS TRÊS HORAS DE JOGO, O GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA, SAGROU-SE CAMPEÃO DE FUTEBOL 72/73, AO VENCER NA FINALÍSSIMA A ESCOLA DE FUZILEIROS POR 6-2.

Campeões de 1972/73! De pé, da esquerda para a direita: Pocinho, Ribeiro, Branco, Rocha, Bernardino, Gomes, Virgilio e Coelho. De joelhos: Abel, Dias I, Oliveira, Morgado, Dias II, Mourato e Pereira.

Godinho, de grande penalidade, faz o 6.º golo e coloca o marcador em 6-2.

Na primeira parte a Escola de Fuzileiros também atacou como o demonstra esta fase do jogo.

FUTEBOL

Terminou o Campeonato de Futebol da Armada, tendo o Grupo n.º 1 de Escolas da Armada conquistado com inegável brilho o título de campeão, apesar de ter sido necessário recorrer a uma finalíssima com a Escola de Fuzileiros, já que na final disputada antes da Páscoa as equipas empataram a uma bola.
Para o jogo decisivo, que se disputou no estádio da Base Naval de Lisboa, no dia 2 de Maio, os grupos alinharam:
G. 1 E. A. – Pocinho, Bernardino, Branco, Virgílio, Coelho, Pereira, Almeida, Manhita, Oliveira, Morgado e Godinho.
E. F. – Nelson, Leal, Djalma, Grancho, Porto, Varandas, Antunes, Cruz, Santos, Santana e Coimbra.
Árbitro: Gato, auxiliado por Monteiro e Silva, do C.E.F.A.
Resultado ao intervalo: 1-0 para o G. 1 E. A., golo de Godinho. Na 2.ª parte, marcaram pelo G. 1 E. A. Coelho, Manhita, Oliveira, Morgado e Godinho. Pela E. F. obtiveram os golos Santana (1-5) e Madureira (2-6).
Substituições: No G. 1 E. A. entraram Rocha e Dias para os lugares de Virgílio e Godinho. Na E. F. Patrocínio e Madureira substituíram Antunes e Santos.
O triunfo robusto alcançado pelos rapazes de Vila Franca de Xira é absolutamente justo. O jogo sem ter atingido grande nível técnico foi muito disputado durante a primeira parte, na qual a Escola de Fuzileiros tendo o vento pelas costas conseguiu equilibrar o jogo, não obstante a vantagem de 1-0 que o G. 1 E. A. registava a seu favor ao atingir o intervalo. Na 2.ª parte tudo se modificou, pois o campeão mostrando mais conjunto e sobretudo, assinale-se, maior pujança atlética, encontrou no factor vento o elemento decisivo para desbaratar por completo a turma de Vale do Zebro. Em resumo, uma finalíssima com um vencedor certo a confirmar uma hegemonia que parece querer radicar-se para as bandas das lezírias!

VELA INTERNACIONAL

Disputou-se no passa ês de Abril na cidade espanhola de Alicante o V Campeonato Ibérico da Classe 420, tendo concorrido um total de 52 tripulações. A Escola Naval obteve classificações bastantes interessantes conforme abaixo indicamos:
Dias Pinheiro/Leal Faria, 8.º lugar.
Braz Coelho/Pereira e Silva, 22.º lugar.
Oliveira Braz/Mina Henriques, 23.º lugar.

DESPORTO EM CABO VERDE

Visitaram o Porto Grande de S. Vicente de 14 a 18 de Março, os escoltadores franceses «L'Étourdi» e «L'Ardent». Aproveitando a circunstância desenrolaram-se competições desportivas entre equipas do Comando Naval e dos navios franceses nas modalidades de andebol de 7 e futebol.
Em andebol de 7 a vitória pertenceu aos visitantes por 18-17, tendo o Comando Naval de Cabo Verde ganho em futebol por 6-2.

Pedro Caeiro
Cap.-ten.

filatelia

NOVOS SELOS PARA A METRÓPOLE

No passado dia 11 de Abril, foi posta a circular a primeira série de selos de 1973, comemorativa das «Jornadas de Produtividade-72». Formada por três valores com motivos diferentes, é um conjunto curioso por apresentar números e gráficos bem significativos da finalidade da emissão, o que lhe

confere um aspecto muito interessante e de belo efeito.

Ainda no dia 30 do mesmo mês, apareceu a já habitual série «Europa», este ano com três valores, tendo como motivo a corneta postal, símbolo tradicional do Correio em alguns países.
Belo conjunto de cores modernas e bem combinadas, os selos são, quanto a nós, atractivos e de magnífico aspecto.

A NOSSA EXPOSIÇÃO EM MARCHA

Com a adesão, aliás imprescindível, da Federação Portuguesa de Filatelia à nossa iniciativa, está em pleno movimento todo o mecanismo que, no próximo mês, nos dará a 1.ª Exposição Filatélica da Armada.
A prestimosa colaboração da maior entidade nacional de filatelia consiste na nomeação do juri de classificação, que será formado por três eminentes personalidades do meio filatélico, na cedência dos quadros expositores e respectivos acessórios de afixação, e demais colaboração solicitada.
Assim, a agradável presença e valiosa cooperação da F.P.F. completa da melhor maneira a fase de planificação e organização do nosso trabalho, proporcionando-nos a iniciação do período de execução, que decorre já com toda a regularidade.
Terminado o período de inscrição dos expositores, é-nos grato verificar um apreciável número de presenças, sendo de salientar o facto de entre estes se notarem colecções de filatelistas presentemente em serviço no Ultramar.
Temos assim garantida a presença de um interessante número de quadros em que predominam a variedade, a beleza, o interesse e o valor de algumas das colecções a exibir.

Muito importante:
A fim de podermos iniciar a montagem dos quadros no dia 2 de Julho, solicitamos a todos os coleccionadores inscritos o favor de entregarem, pessoalmente, às suas colecções entre os dias 25 e 29 de Junho, inclusive, na Secretaria da «Revista da Armada», no Ministério da Marinha, nas horas normais de expediente, ou de as enviar pelo correio sob registo, de maneira a darem entrada na mesma Secretaria dentro daquela data.

G. Brandão
2.º ten. SG

NOVAS EMISSÕES ESTRANGEIRAS

No prosseguimento da série cultural, os correios franceses emitiram mais um valor (que reproduzimos) representando a obra «A mulher de joelhos», do artista Charles Le Brun. Como habitualmente, foi criado carimbo do 1.º dia de circulação.

A luta contra o uso da droga é um problema preocupante em muitos países. Os correios de Mónaco, decidiram, durante dois anos, emitir selos que mostrem todos os malefícios provocados pelo uso indevido da droga. Foi, agora, emitido o selo que reproduzimos, bastante sugestivo.

Em 30 de Março último, os correios gregos imitiram o selo que reproduzimos, comemorativo do centenário da Universidade Nacional Técnica Metovisou. Houve F.D.C. (First Day Cover).

TROCAS FILATÉLICAS

Continuamos a publicar os nomes dos leitores interessados em intercâmbio filatélico. Os pedidos poderão ser dirigidos ao autor, Av. Fernão de Magalhães, 817--Porto.
«José Guilherme Moreira – Rua Raimundo de Carvalho, 95 – V. N. de Gaia: Dou carimbos comemorativos de Portugal em troca de selos usados da Metrópole e províncias ultramarinas portuguesas».
«Luís Porfírio, mar. C n.º 980/70, Estação Radionaval – Faial – Açores: Desejo intercâmbio filatélico com principiantes».

OS LEITORES PERGUNTAM... NÓS RESPONDEMOS

De Luís Porfírio, mar. C, Açores:
P – Qual a melhor maneira de adquirir séries novas e completas do estrangeiro?
R – As novas emissões estrangeiras poderão ser adquiridas nas casas filatélicas da especialidade. Normalmente, estas séries, são vendidas pelos comerciantes, na altura da sua emissão, com uma percentagem de 15 por cento sobre o valor facial dos selos. Nesta conformidade, quanto às

novas emissões, basta entrar em contacto com os inúmeros comerciantes espalhados pelo país, que lhe poderão fornecer tudo o que desejar. No caso de séries atrasadas, deverá fazer acompanhar a sua solicitação de uma lista com os números dos selos pretendidos extraídos, usualmente, do catálogo internacional Yvert.

António Vieira Pinto
Mar. A

reportagem

VISITA À CRECHE DA FÁBRICA NACIONAL DE CORDOARIA

A creche da Fábrica Nacional de Cordoaria, considerada por entidades oficiais que a têm percorrido como uma das melhores do país, foi visitada pelas esposas dos oficiais generais da nossa Marinha.

A visita que demorou mais de duas horas, mereceu das ilustres visitantes os maiores elogios e as melhores referências, não apenas no que respeita às suas magníficas instalações, asseio e boa apresentação, como também ao tratamento ministrado às crianças e aos métodos educacionais utilizados.

A festa terminou com a apresen-

tação de vários números de variedades, executados no palco da creche por crianças dos dois aos cinco anos de idade, trabalhos que a assistência muito apreciou e demoradamente aplaudiu.

A TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE COMO FEITO HISTÓRICO

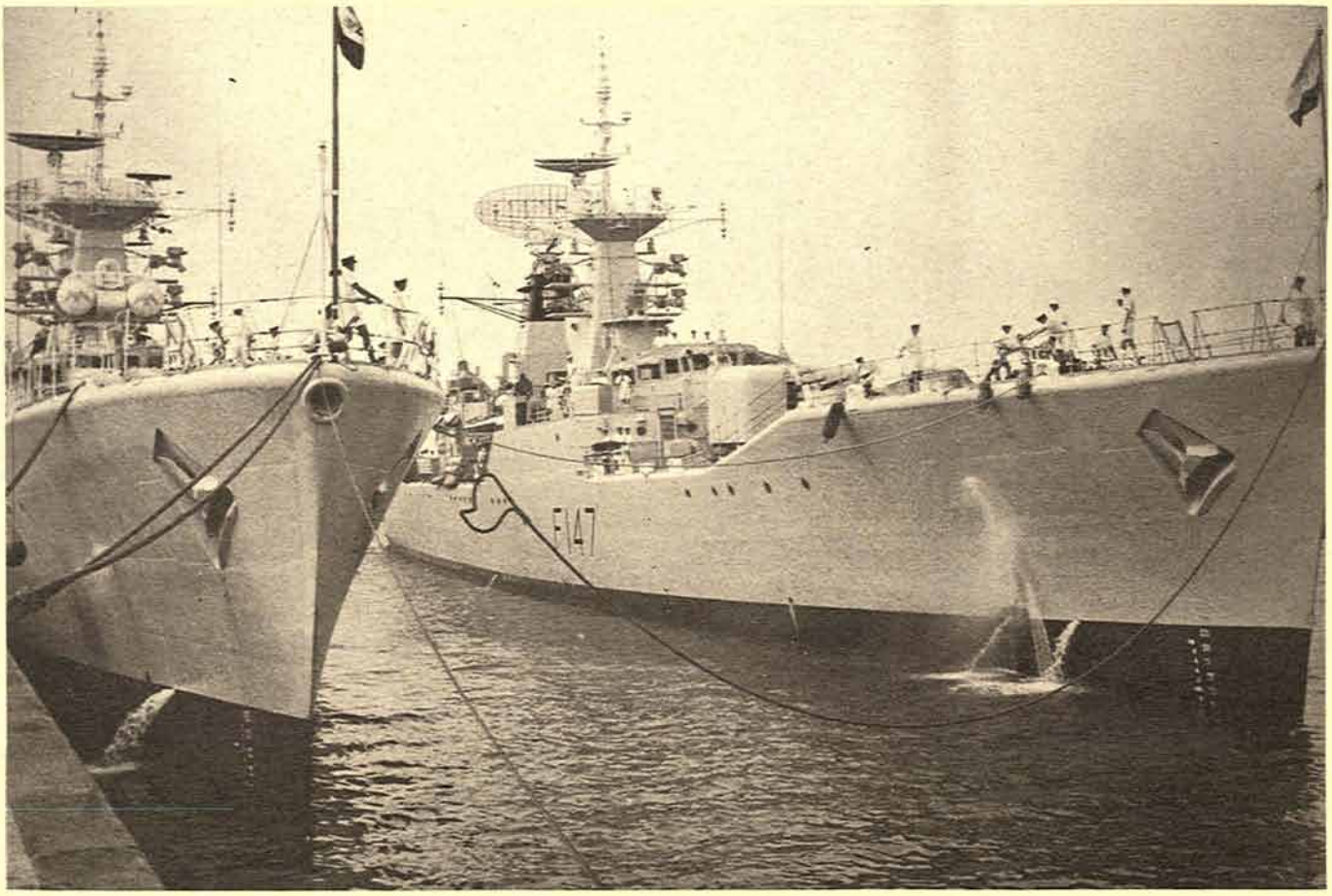
A assembleia plenária do Conselho Internacional das Ciências Aeronáuticas (I. C. A. S.) reunida em Amsterdão com a presença de representantes de 28 nações, solidarizou-se por unanimidade com as comemorações do cinquentenário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro, mandando redigir duas mensagens de grande apreço àquele feito histórico.

As referidas mensagens foram dirigidas a Suas Excelências os Presidentes das Repúblicas de Portugal e do Brasil e do seu teor consta a manifestação de solidariedade daquele organismo internacional às comemorações efectuadas, bem como o testemunho de homenagem e de alta consideração pelo histórico empreendimento levado a cabo pelos dois notáveis oficiais da Armada Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

NAVIOS ESTRANGEIROS DE VISITA A MOÇAMBIQUE

De 29 de Março a 1 de Abril, duas fragatas e um submarino da Armada da República da África do Sul, escalaram, em visita não oficial, o porto de Lourenço Marques.

Os comandantes destas unidades apresentaram cumprimentos ao comandante naval e percorreram interessadamente os vários serviços do Comando Naval em Lou-



(Colaboração do Comando Naval de Moçambique)

renço Marques, enquanto às respectivas guarnições eram proporcionadas visitas a pontos turísticos da cidade e arredores.

SESSÃO NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Sob a presidência do contra-almirante Sarmento Rodrigues reuniu-se em sessão no dia 4 de Abril o Centro de Estudos de Marinha que perante numerosa assistência escutou uma comunicação subordinada ao tema «Oficiais e naus da carreira da Índia no século XVII (novos documentos do Arquivo Histórico Ultramarino)».

Foi conferente o Dr. Alberto Iria que foi apresentado pela presidente da secção de história marítima, professora Virgínia Rau e que se referiu aos assuntos verdadeiramente empolgantes que constituem toda a gesta naval dos portugueses, particularmente os das naus da carreira da Índia cuja história ainda se encontra por fazer e que é, para além desta comunicação que constitui o segundo levantamento no género, o velho sonho de todos quantos se dedicam a estudos desta natureza.

CONCERTO DA BANDA DA ARMADA

Sua Excelência o Presidente da República, acompanhado da esposa, assistiu no dia 8 de Abril, no Teatro da Trindade, a um concerto realizado pela Banda da Armada, último de uma série organizada pela F. N. A. T., de colaboração com o Ministério da Marinha.

Acompanharam Sua Excelência o Chefe do Estado, o ministro da Marinha e esposa, o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência e outras individualidades.

Neste sarau musical foram executadas sob a direcção do capitão-de-fragata Marcos Romão, várias obras de compositores nacionais e estrangeiros, algumas delas em primeira audição em Portugal.

ENTREGUE À ARMADA O NAVIO-PATRULHA «LIMPOPO»

No dia 9 de Abril decorreu no Arsenal do Alfeite a cerimónia da entrega à Armada do navio-patrulha «Limpopo», quinta unidade da classe «Cacine» e à qual se seguirá brevemente o navio-patrulha «Save».

Esta nova unidade tem 293 ton. de deslocamento e 48 metros de comprimento, tendo assumido o seu comando o 1.º tenente Tavares da Silva.

O acto foi presidido pelo comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, tendo a entrega sido feita pelo administrador daquele arsenal, capitão-de-mar-e-guerra engenheiro construtor naval Caldeira Saraiva, ao presidente da Comissão de Recepção dos Navios-Patrulhas, capitão-de-fragata Silvestre Quartin.

O Limpopo, um dos maiores rios de África, nasce perto de Pretória, atravessa o deserto do Kalahari, limita a fronteira entre o Transvaal e Moçambique e vai desaguar no Índico.

Tendo a sua foz uma largura de 300 metros e profundidade média de 1,8 metros, apresenta uma navegabilidade variável consoante a época do ano, chegando a atingir com as cheias, larguras de 2500 metros e profundidades de 7 metros.

De margens profundamente arborizadas, a sua exploração foi várias vezes tentada pelos ingleses e boers e na parte portuguesa, levada a efeito pelo corajoso explorador Caldas Xavier.

«Limpopo» foi anteriormente a designação de uma canhoneira portuguesa que se encontra ligada ao histórico episódio da baía dos Tigres ocorrido em 1904 e que em 1939, então ao serviço da Brigada Naval, foi abatida ao efectivo.

MERGULHADORES SAPADORES DA ARMADA NAS MEDIDAS DE SEGURANÇA AO «QUEEN ELIZABETH 2»

No passado dia 17 de Abril tocou o porto de Lisboa o luxuoso paquete «Queen Elizabeth 2», que conduzia a Haifa 620 judeus, na sua maioria milionários, que iam assistir às comemorações do 25.º aniversário da criação de Israel.

Esta viagem do «Queen Elizabeth» foi rodeada de grandes medidas de segurança contra possíveis atentados terroristas, sendo escoltado por um navio de guerra britânico.
No Tejo, a Armada tomou parte no dispositivo de segurança montado, fornecendo um grupo de 27 mergulhadores sapadores comandado pelo 2.º tenente SG (merg.) Amadeu Antunes Araújo, que durante as 12 horas que o navio permaneceu atracado ao cais da Rocha Conde d'Óbidos, utilizando botes de borracha, manteve uma vigilância permanente não só à superfície como também à parte submersa do casco.

VISITA DE NAVIOS DE GUERRA A CABO VERDE

De 14 a 18 de Março permaneceram no Porto Grande de S. Vicente de Cabo Verde os escoltadores costeiros franceses «L'Etourdi» e «L'Ardent», navios do tipo dos nossos patrulhas da classe «Maio».
Às respectivas guarnições foram proporcionados passeios turísticos, em especial à Baía das Gatas; competições desportivas – andebol e futebol – entre as equipas dos navios e do Comando Naval fizeram parte do programa da estadia em Cabo Verde destas unidades francesas.

Também de 20 a 23 de Março a fragata «Comandante Hermenegildo Capelo» sob o comando do capitão-de-fragata Bustorff Guerra visitou o Porto Grande de S. Vicente, em viagem de instrução de cadetes da Reserva Naval que efectuaram visitas a diversas instalações navais e da Junta Autónoma das Instalações de Dessalinização de Água e da

firma Congel, bem como passeios turísticos a locais de interesse da ilha.

(Colaboração do Comando Naval de Cabo Verde)

JURAMENTO DE BANDEIRA DE CADETES DA RESERVA NAVAL

Teve lugar no dia 27 de Abril, na Escola Naval, a cerimónia do juramento de bandeira do 2.º curso de cadetes da Reserva Naval do ano de 1972, a que presidiu o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, chefe do Estado Maior da Armada, e a que assistiram o contra-almirante Soares Branco, superintendente dos Serviços do Pessoal, e o comodoro Rodrigues Alho, director do Serviço de Instrução, os quais foram recebidos pelo comodoro Barahona Fernandes, comandante da Escola Naval.

A exortação aos cadetes esteve a cargo do capitão-tenente Cervaens Rodrigues, após o que foi feita a entrega do prémio «Reserva Naval» ao cadete Alberto Manuel Carneiro Sereno; lidos os deveres militares foi proferida a fórmula do juramento de bandeira, após o que o Corpo de Alunos desfilou perante as entidades presentes.

NOVOS DIRECTORES DO SERVIÇO DE SAÚDE NAVAL E DO HOSPITAL DA MARINHA

O novo director do Serviço de Saúde Naval é o comodoro médico naval Mário Santos, recentemente promovido a este posto. Foi substituído na direcção do Hospital da Marinha pelo capitão-

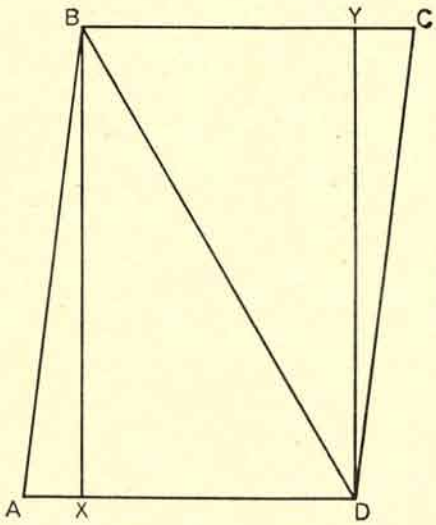
-de-mar-e-guerra médico naval Ferraz de Abreu.

quarto de folga

PARADOXOS GEOMÉTRICOS

Propomos hoje mais dois teoremas, aparentemente demonstráveis, mas que todavia são falsos.

TEOREMA 3 – Se um quadrilátero ABCD tem o ângulo A igual ao ângulo C e o lado AB igual ao lado CD, o quadrilátero é um paralelogramo.



Demonstração:

No quadrilátero da figura 1 trace-se BX perpendicular a AD e DY perpendicular a BC. Unir B com D. Os triângulos ABX e CYD são iguais porque são triângulos rectângulos com as hipotenusas iguais e ângulos iguais.

Portanto, BX = DY e AX = CY.

Sendo assim, os triângulos BXD e DYB também são iguais por serem triângulos rectângulos com hipotenusas iguais e um catecto igual.

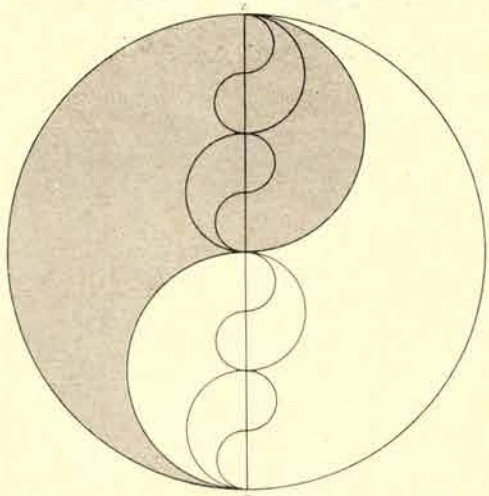
Portanto, XD = YB. Como AX = CY então AX + XD = CY + YB ou seja AD = BC.

Como AB = CD por hipótese, e, tendo-se demonstrado que AD = = BC, o quadrilátero ABCD tem os lados iguais dois a dois e é portanto, um paralelogramo.

– A demonstração é deveras convincente mas, no entanto, o teorema é falso. Podem dar uma contraprova?

TEOREMA 4 – π é igual a 2.

Toda a gente sabe o que é π (relação entre o comprimento de uma circunferência e o seu diâmetro). E que o seu valor está compreendido entre 3,1415 e 3,1416, que é um número irracional. etc.



No entanto, considere-se o teorema e vejamos a demonstração: Na figura 2 traçou-se uma circunferência de diâmetro AB = 2. Como o comprimento de uma circunferência é o diâmetro vezes π, o desta será 2π. A semi-circunferência de diâmetro AB terá então de comprimento $2\pi : 2 = \pi$. Tracem-se, agora, as semi-circunferências cujos diâmetros são metade de AB. Essas semi-circunferências são as que separam a parte sombreada da parte branca. O comprimento de cada uma é $1 \times \pi : 2 = \frac{\pi}{2}$. O comprimento das duas (que dão a linha sinuosa entre A e B) será $\frac{\pi}{2} \times 2 = \pi$.

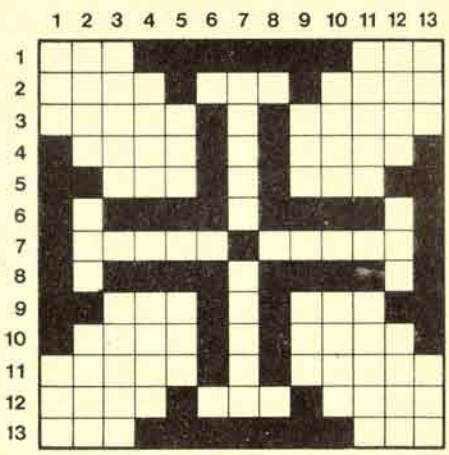
De igual forma, se dividirmos os diâmetros destas circunferências em duas partes e traçarmos semi-circunferências correspondentes teremos quatro semi-circunferências cujo comprimento total será o quádruplo de $\frac{2}{4} \times \pi : 2$ ou seja $4 \times \frac{\pi}{4} = \pi$.

Se em vez de quatro semi-circunferências forem oito, a soma dos seus comprimentos será ainda π. E assim sucessivamente. As semi-circunferências tornar-se-ão cada vez mais pequenas e mais numerosas, mas somarão sempre π. A linha sinuosa constituída pelas semi-circunferências aproxima-se do diâmetro AB como limite. Se esta operação for levada a cabo um número infinito de vezes o comprimento da linha sinuosa continuará a ser π. No entanto, o raio das semi-circunferências atingirá o seu limite zero e então as semi-circunferências coincidirão com o próprio diâmetro AB cujo comprimento era 2. Então $\pi = 2$ q. e. d.

– Onde está o erro nesta demonstração?

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 21)



HORIZONTAIS: 1 – Eia; unidade de trabalho. 2 – Vestuário talar

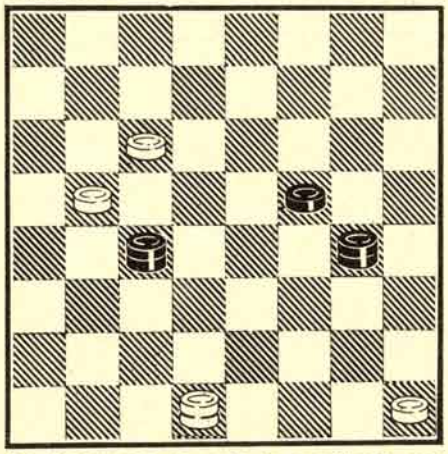
de magistrado; despidos; cantiga. 3 – Mesquinha; parentes. 4 – Amarrar; adoras. 5 – Membro de ave; porém. 7 – Rio português; quinhentas folhas. 9 – Arma branca (fig.); soberano. 10 – Enfurecer; pronome indefinido (pl.). 11 – Dispõe em camadas; assassinar. 12 – Planta vulgar; pronome pessoal; estampilha. 13 – Costuma; graça (fig.).

VERTICAIS: 1 – Letra grega; sapo do Brasil. 2 – Notícia; mulher de Adão; levantas. 3 – Pedra preciosa; novilha de dois anos. 4 – Altares; leito. 5 – Constelação austral; agora. 7 – Gasto; antro. 9 – Seguiam; nome de bebida. 10 – Classe de tropa; aves pernaltas. 11 – Desertas; barcos de recreio; 12 – Espécie de albufeiras; abismo; compartimento. 13 – Fluído aeriforme; lista.

C. S. Cruz
1.º sarg. AEA

(Solução na p. 34)

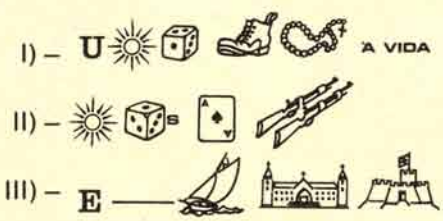
DAMAS



As brancas jogam e ganham em 5 lances.

(Solução na p. 34)

ENIGMAS FIGURADOS



C. Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

(Solução na p. 34)

CONCURSO N.º 21

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

T	A	D	O	R	A	M	U	I	A	T	O	G	I	B
U	A	T	A	P	A	S	N	T	A	S	R	O	N	I
D	O	I	R	O	Ã	T	I	O	M	I	A	C	A	G
O	S	A	T	S	T	I	S	A	O	A	T	A	T	O
S	É	P	A	T	E	U	Q	É	T	R	O	C	S	M
N	L	R	R	A	R	O	U	B	I	G	T	O	O	S
E	O	O	O	C	O	S	A	R	I	A	O	I	M	O
C	P	L	L	S	C	A	D	E	R	N	A	L	I	I
A	I	I	D	E	M	L	F	V	F	R	I	O	S	T
D	T	T	O	T	O	I	A	T	M	I	S	O	T	A
O	R	O	T	A	R	O	S	O	S	E	R	B	E	L
R	A	S	O	P	O	P	I	L	I	B	A	L	R	O
T	O	E	S	T	R	A	L	H	E	I	R	A	I	B
L	I	N	O	S	S	P	A	T	A	B	O	L	T	I
O	S	S	T	A	N	O	S	A	H	L	A	T	R	O

Procure em todos os sentidos, menos obliquamente, o nome de 11 peças de poleame surdo e de laborar.

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

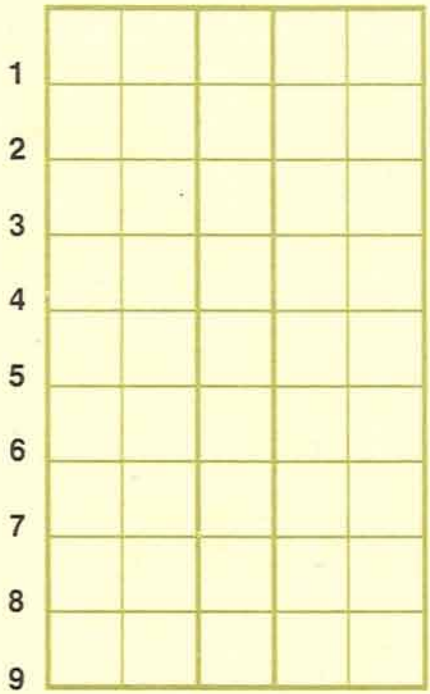
JÁ É PRECISO SER DESCONFIADO...

Havia um senhor, muito desconfiado, que punha segundo sentido em tudo que lhe diziam.
Um dia, um amigo chegou junto de um grupo de que ele fazia parte, e disse: «Adeus, ó gentes!»
Adeus ó gentes, pensou ele. Que quererás tu dizer com isso?
E então fez o seguinte complicado raciocínio:
«Gente... agente... agente da polícia... da polícia de investigação... investigação criminal... criminal... crime... crime de morte... morte do Senhor... Senhor dos Passos... Paços do Concelho... Conselho de Ministros... Ministro da Guerra... Guerra Junqueiro... Junqueira, Alcântara... Alcântara Mar... Alcântara Terra... a terra é lavrada pelos bois... Ai o malandro que me chamou... BOI!!!

Apresentado por Sílvio Moreira
Mar. T

Porque será que estas duas gémeas andam sempre de passo trocado?... Ora! É para se distinguirem!...

PILHA DE PALAVRAS



1 – Brando.
2 – Polpa.
3 – Ingénuo.
4 – Maravedi.
5 – Anta.
6 – Motivo.
7 – Sacerdote muçulmano.
8 – Brotar.
9 – Milhafre.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome dum grande pintor português falecido neste século.
Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «M».

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

LOGOGRIFOS COMPRIMIDOS.

I) – ARQUI . . . . .

II) – T / IL

C. Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF

SOLUÇÕES

PARADOXOS GEOMÉTRICOS

(Soluções do número anterior)

TEOREMA 1 – Um ângulo obtuso é por vezes igual a um ângulo recto.

– O erro está na localização do ponto K. Se a figura for desenhada com rigor o ponto K estará tão distante do segmento CD que, unindo K com G, a linha resultante passará sempre fora do quadrado ABCD. Assim, aquela demonstração não poderá aplicar-se.

TEOREMA 2 – Todo o triângulo é isósceles.
– O erro é também, neste caso, resultante da construção. O ponto F estará sempre fora do triângulo e numa posição tal que as perpendiculares baixadas para os lados AB e AC encontram, uma delas o lado e a outra o prolongamento do lado, o que torna a demonstração inaplicável.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Ena; erg. 2 – Toga; nus; ária. 3 – Avara; irmãos. 4 – Atar; amas. 5 – Asa; mas. 7 – Vouga; resma. 9 – Aço; rei. 10 – Irar; umas. 11 – Acama; matar. 12 – Rala; ela; selo. 13 – Usa; sal.

VERTICAIS: 1 – Eta; aru. 2 – Nova; Eva; iças. 3 – Agata; arala. 4 – Aras; cama. 5 – Ara; ora. 7 – Usado; covil. 9 – Iam; rum. 10 – Arma; emas. 11 – Ermas; iates. 12 – Rias; mar; sala. 13 – Gás; rol.

DAMAS

1 – h1-g2	c4-a6
2 – g2-f3	g4-e2
3 – d1 x f3	a6-b7 (ou b5)
4 – f3-g4	b7-d5
5 – g4 x c4	

ENIGMAS FIGURADOS

I) – O soldado bota contas à vida.
II) – Soldados às armas.
III) – É grande risco navegar à vela com vento forte.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Macio. 2 – Miolo. 3 – Molar. 4 – Mauro. 5 – Mamoa. 6 – Móbil. 7 – Moadi. 8 – Manar. 9 – Mioto. (Columbano)

LOGOGRIFOS COMPRIMIDOS

I) – Princípio de Arquimedes.
II) – Subtil.

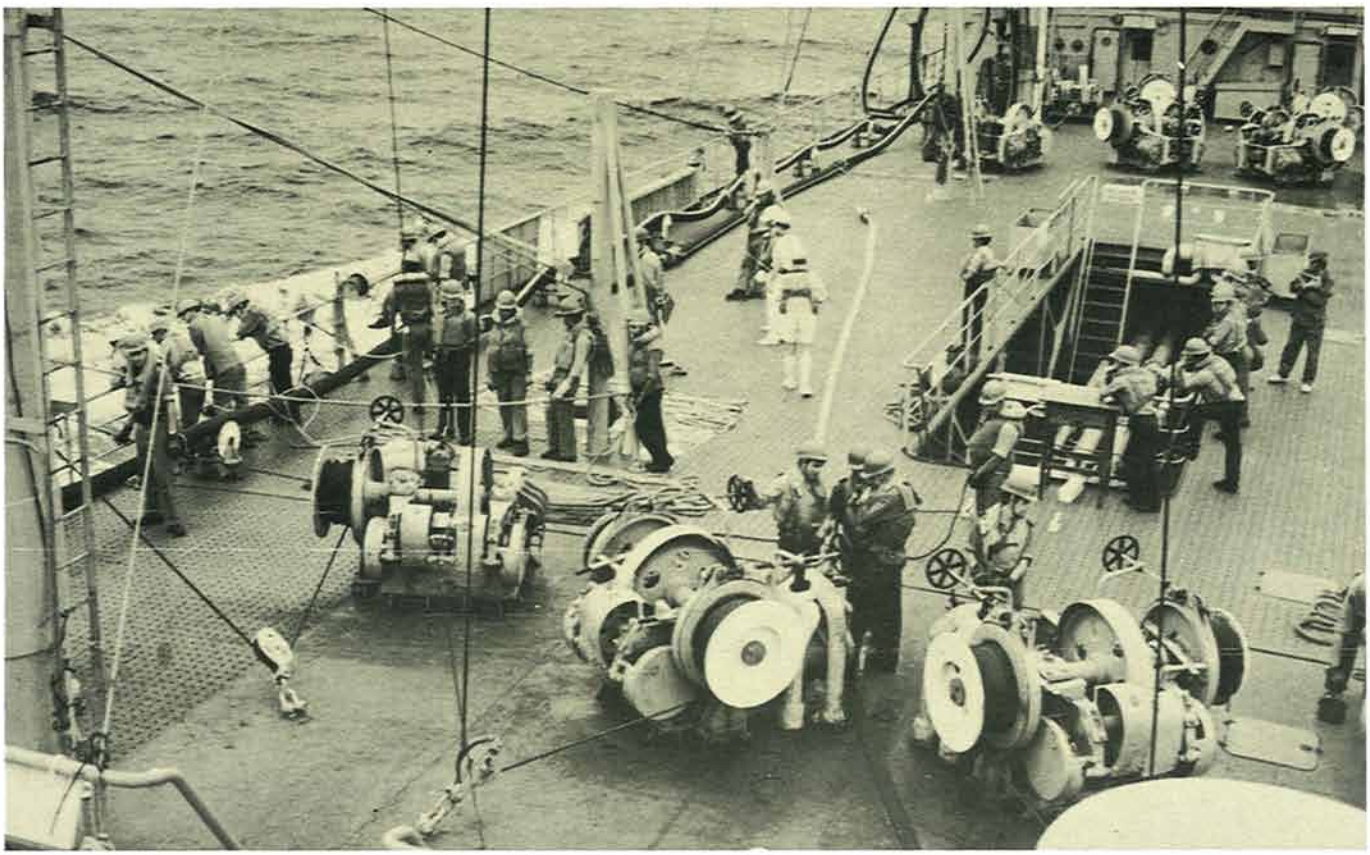
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 19

1.º – Os descobrimentos marítimos dos portugueses em todo o Mundo;
2.º – Os castelos que D. Afonso III tomou aos mouros;
3.º – Os cinco reis mouros que D. Afonso Henriques venceu em Ourique;
4.º – As cinco chagas de Cristo.

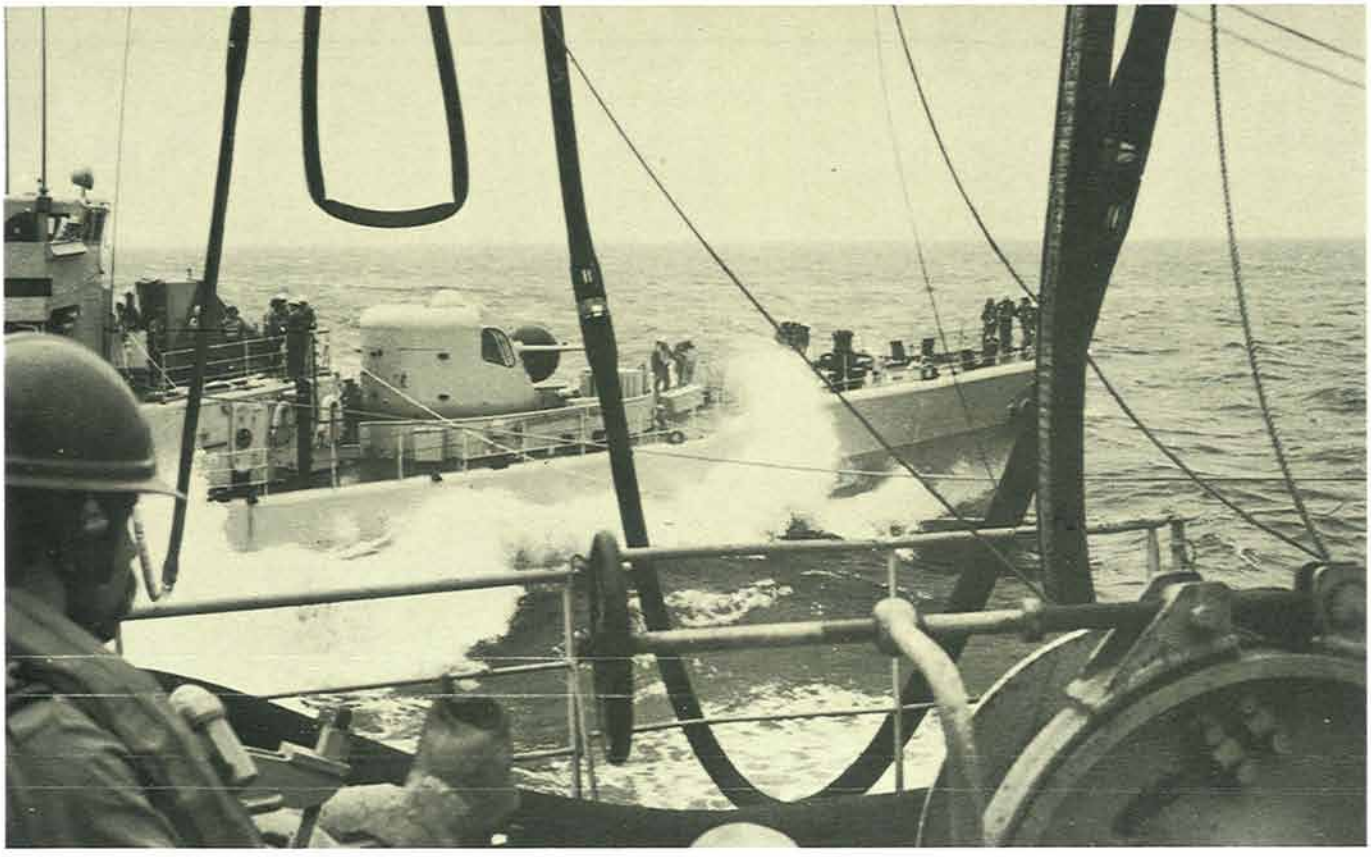
VENCEDOR: Mateus Delgado, cabo FZE, em serviço no Gabinete do Adido Naval em Madrid.

A Vida a Bordo dos nossos Navios

PREPARATIVOS DO NAVIO – PETROLEIRO «S.GABRIEL» PARA ...

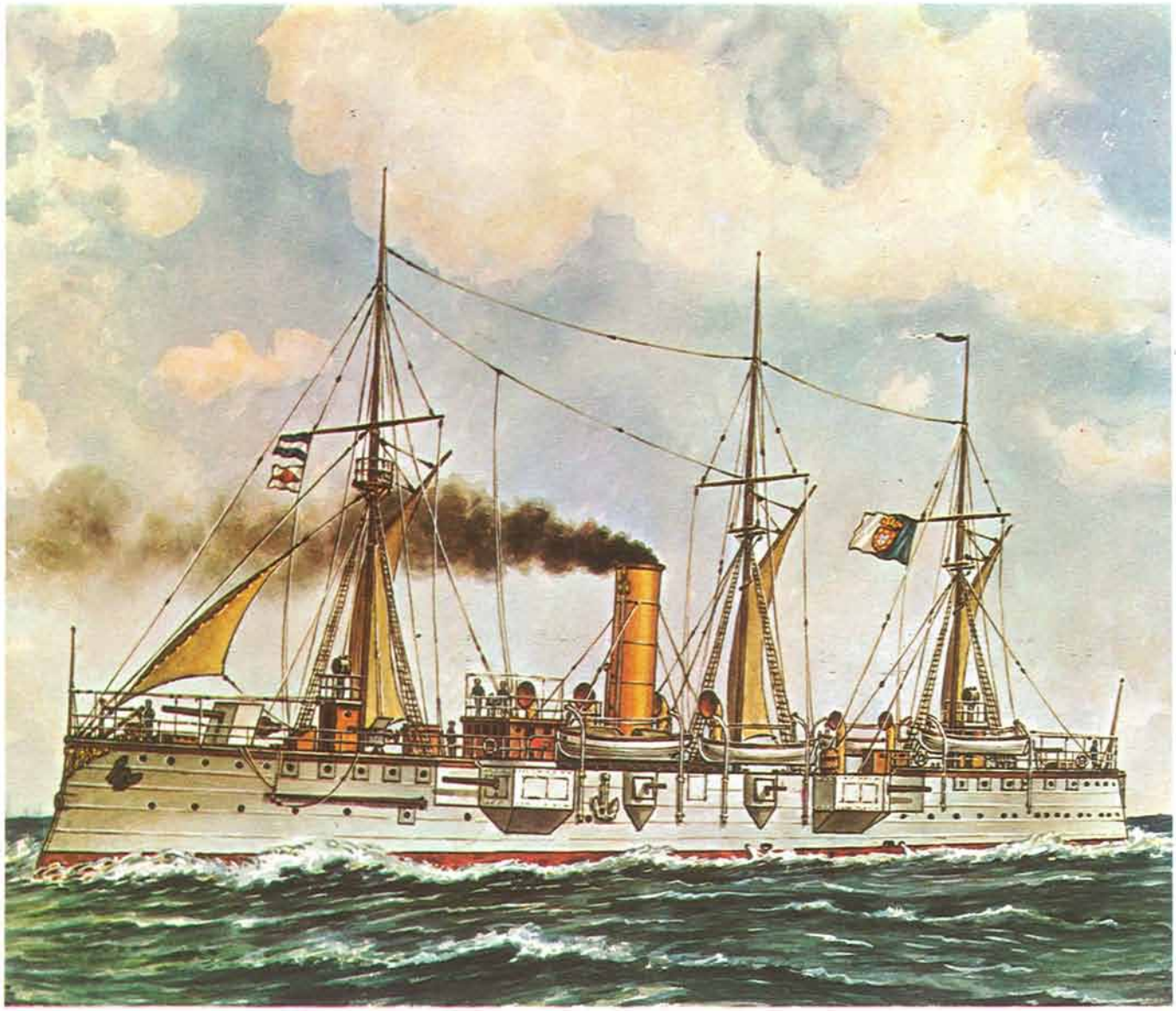


... REABASTECER NO MAR A CORVETA «ANTÓNIO ENES»



(Fotos de Ramiro Magalhães, 2.º sarg. CM)

NAVIOS DA ARMADA



Aguarela de Artur Guimarães

Cruzador "S. Rafael"

Entrou no Tejo em Setembro de 1900, vindo de estaleiros franceses, onde foi construído como consequência do programa naval do ministro Jacinto Cândido.

Era de 1838 toneladas, dois hélices, 15 nós de velocidade, uns 250 homens de guarnição, 4 canhões de 120, dois de 150, mais artilharia secundária e um tubo lança-torpedos. Entre os 5 mastros que possuia de início, envergava pano latino rectangular e triangular, como auxiliar de propulsão, o que o tornava um exemplar de propulsão mista, vulgar no século passado, começo deste século. Sofreu posteriormente alterações do número de mastros, velame, bem como modificações na chaminé e estruturas da ponte.

Das muitas comissões de serviço que desempenhou, parece lógico destacar-se as de repressão da escravatura e acção na Praia da Vitória onde evitou a alteração da ordem pública por motivo de eleições. Numa das Patrulhas até Caminha, quando da célebre incursão monárquica do norte, a 21 de Outubro de 1911, devido a mau tempo, encalhou nos baixos em frente de Vila do Conde e ali se perdeu.